

BESTSELLER INTERNACIONAL

«Um testemunho da força do espírito humano.» DESMOND TUTU

As Gêmeas de Auschwitz

Uma história real inesquecível

«Um relato de sobrevivência
emocionante que jamais
será esquecido.»

CHICAGO TRIBUNE



EVA MOZES KOR
com Lisa Rojany Buccieri





Caminhámos em silêncio,
uns atrás dos outros, até
ao portão nas traseiras da nossa
propriedade, à beira do pomar.
Logo a seguir ao portão estavam
as linhas do caminho de ferro.
Não havia comboios à noite.
Estava tudo em silêncio, exceto
os sons dos grilos e o canto
ocasional de uma ou outra ave
noturna. Se seguissemos a linha
por uma hora ou assim, sabíamos
que chegaríamos à parte segura
da Roménia. Quando o pai
chegou ao portão no limite da
nossa propriedade, debruçou-se
para o destrancar e empurrou-o.
— Parem! — gritou uma voz. — Se
derem mais um passo, disparo!
Um jovem nazi húngaro
apontava-nos uma arma.

Um grupo de adolescentes
usando boinas caqui
e as braçadeiras com suásticas
dos nazis húngaros tinha
estado a guardar a nossa quinta,
aí colocado para se
certificar de que não fugíamos.
Há quanto tempo estavam ali,
ninguém sabia.
Éramos apenas seis judeus.
Como podíamos ser tão
importantes? Agarrei a mão de
Miriam, sem me atrever a olhar
diretamente para eles,
mas esgueirando olhares de
soslaio para os soldados.
O pai fechou o portão
e os rapazes escoltaram-nos
de regresso à nossa casa.
A nossa única hipótese de fuga
acabava de desaparecer.

EVA MOZES KOR
com LISA ROJANY BUCCIERI

AS GÊMEAS DE AUSCHWITZ

Tradução de
Carla Ribeiro

FICHA TÉCNICA

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © 2009 Eva Mozes Kor e Lisa Rojany Buccieri
Todos os direitos reservados. Publicado por acordo com
Tanglewood Publishing, a editora original da obra.

Título: *As Gémeas de Auschwitz*

Título original: *Surviving the Angel of Death: The True Story
of a Mengele Twin in Auschwitz*

Autoras: Eva Mozes Kor e Lisa Rojany Buccieri

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN:978-989-8907-90-5

1.^a edição em papel: setembro de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Dedico este livro à memória da minha mãe, Jaffa Mozes, do meu pai, Alexander Mozes, das minhas irmãs Edit e Aliz, e da minha irmã gêmea, Miriam Mozes Zeiger. Dedico também este livro às crianças que sobreviveram ao campo e a todas as crianças do mundo que sobreviveram à negligência e ao abuso, pois quero honrar a sua luta na superação do trauma de terem perdido as suas infâncias, as suas famílias e a sensação de pertença a uma família. Por último, mas não menos importante, este livro é também em honra do meu filho, Alex Kor, e da minha filha, Rina Kor, que são o meu orgulho, alegria e desafio.

EMK

A Olivia, Chloe e Genevieve: as razões para tudo. E à minha irmã, Amanda, por me ter salvo a vida.

LRB

PRÓLOGO

As portas do vagão abriram-se pela primeira vez em muitos dias e a luz do dia brilhou sobre nós como uma bênção. Dúzias de judeus tinham estado amontoados naquele minúsculo vagão de gado a chocalhar pelos campos, levando-nos para cada vez mais longe da nossa casa na Roménia. Desesperadas, as pessoas empurravam-se para sair.

Agarrei bem a mão da minha irmã gémea quando nos empurraram para a plataforma, sem saber se devia estar contente com a nossa libertação ou com medo do que estava para vir. O ar do início da manhã era fresco, um vento frio que nos mordida as pernas nuas através do tecido fino dos nossos vestidos *bordeaux* a condizer.

Percebi de imediato que era muito cedo, o Sol mal se erguendo acima do horizonte. Para onde quer que olhasse, via altas e afiadas cercas de arame farpado. Altas torres de vigia com patrulhas das SS, *Schutzstaffel* em alemão, debruçadas, apontando-nos as suas armas. Cães de guarda retidos por outros soldados SS puxavam as trelas, ladrando e rosnando como um cão raivoso que vira uma vez na quinta, de boca a espumar, dentes brancos e afiados. Sentia o coração a latejar-me no peito. A mão da minha irmã, quente e suada, apertava a minha. A minha mãe e o meu pai, juntamente com as nossas duas irmãs mais velhas, Edit e Aliz, estavam mesmo ao nosso lado quando ouvi o sussurro que a minha mãe dirigiu ao meu pai.

— Auschwitz? É Auschwitz? Que sítio é este? Não é na Hungria?

— Estamos na Alemanha — foi a resposta.

Tínhamos atravessado a fronteira para território alemão. Na verdade, estávamos na Polónia, mas os Alemães tinham invadido a Polónia. Era na Polónia alemã que se situavam todos os campos de extermínio. Não tínhamos sido levados para um campo de trabalho húngaro para trabalhar, mas sim para um campo de extermínio nazi

para morrer. Antes de termos tempo de digerir esta notícia, senti o meu ombro ser empurrado para um dos lados da plataforma.

«*Schnell! Schnell!*» Rápido! Rápido! Guardas SS ordenavam aos restantes prisioneiros do vagão que saíssem para a grande plataforma.

Miriam chegou-se para mais perto de mim enquanto éramos empurradas de um lado para o outro. A débil luz do dia era bloqueada e desbloqueada à medida que pessoas mais altas eram empurradas para junto de nós, depois puxadas pelos guardas para um lado ou para o outro. Era como se estivessem a escolher alguns prisioneiros para uma coisa e outros para outra. Mas para quê?

Foi então que os sons à nossa volta começaram a aumentar de volume. Os guardas nazis agarravam mais pessoas, puxando-as para a direita ou para a esquerda na plataforma de seleção. Os cães rosnavam e ladravam. As pessoas do vagão começaram a chorar, a berrar, a gritar todas ao mesmo tempo; todos procuravam os seus familiares à medida que eram afastados uns dos outros. Separavam homens de mulheres, filhos de pais. A manhã irrompeu num perfeito pandemónio. Tudo começou a andar cada vez mais depressa à nossa volta. Era o caos.

«*Zwillinge! Zwillinge!*» Gémeas! Gémeas! Em segundos, um guarda que ia a passar a correr parou bruscamente à nossa frente. Olhou para Miriam e para mim nas nossas roupas a condizer.

— São gémeas? — perguntou à minha mãe.

Ela hesitou.

— Isso é bom?

— Sim — disse o guarda.

— São gémeas — respondeu a mãe.

Sem dizer uma palavra, ele agarrou em Miriam e em mim e separou-nos da nossa mãe.

— Não!

— Mamã! Mamã! Não!

Miriam e eu gritámos e chorámos, tentando chegar à nossa mãe, que, por sua vez, tentava seguir-nos, de braços estendidos, com um

guarda a retê-la. Atirou-a violentamente para o outro lado da plataforma.

Gritámos. Chorámos. Suplicámos, as nossas vozes perdidas entre o caos, o barulho e o desespero. Mas, por mais que chorássemos ou por mais alto que gritássemos, não importava. Por causa daqueles vestidos *bordeaux* a condizer, por sermos gémeas idênticas, tão facilmente detetáveis na multidão de sujos e exaustos prisioneiros judeus, Miriam e eu tínhamos sido escolhidas. Em breve, ficaríamos frente a frente com Josef Mengele, o médico nazi conhecido como Anjo da Morte. Era ele quem selecionava quem na plataforma vivia e quem morria. Mas nós ainda não o sabíamos. Só sabíamos que, de repente, estávamos sozinhas. Tínhamos apenas dez anos.

E nunca mais voltámos a ver o pai, a mãe, a Edit ou a Aliz.

CAPÍTULO UM

Miriam e eu éramos gémeas idênticas, as mais novas de quatro irmãs. Só de ouvir as minhas irmãs mais velhas a contar relutantemente a história do nosso nascimento, teria ficado imediatamente a saber que éramos as queridinhas da família. Existe algo mais doce ou engraçado do que gémeas idênticas?

Nascemos no dia 31 de janeiro de 1934, na aldeia de Portz, na Transilvânia, Roménia, que fica na Europa de Leste, perto da fronteira com a Hungria. Desde que éramos bebés que a nossa mãe adorava vestir-nos com roupas iguais, pondo-nos grandes laços nos cabelos para que as pessoas soubessem imediatamente que estas pessoas pequeninas eram gémeas. Chegava mesmo a sentar-nos no parapeito das janelas de nossa casa; quem por ali passava achava que éramos lindas bonecas, não pessoas verdadeiras.

Éramos tão parecidas que tinha de nos pôr etiquetas para nos diferenciar. Tias, tios e primos de visita à nossa quinta gostavam de brincar connosco ao *Adivinha o Nome*, tentando adivinhar quem era quem. «Qual é a Miriam? Qual é a Eva?», questionava um tio, perplexo, com brilho no olhar. A minha mãe sorria orgulhosamente às suas bonequinhas perfeitas e as minhas duas irmãs mais velhas soltavam provavelmente um gemido. Ainda assim, a maioria das pessoas errava. Quando já éramos mais velhas e andávamos na escola, usávamos o facto de sermos gémeas idênticas para enganar as pessoas, o que podia ser muito divertido para nós. E, sempre que podíamos, tirávamos partido da nossa beleza e unicidade.

Embora o pai fosse severo e nos advertisse, bem como à nossa mãe, sobre os perigos da vaidade excessiva, enfatizando que até a Bíblia alertava para isso, a mãe preocupava-se particularmente com o nosso aspeto. Mandava fazer as nossas roupas à medida, como os ricos fazem atualmente com os estilistas. Encomendava materiais na cidade e, quando chegavam, levava-nos, juntamente com as nossas duas irmãs mais velhas, Edit e Aliz, a uma costureira

na aldeia vizinha de Szeplak. Em casa dela, era-nos permitido folhear avidamente revistas com modelos que usavam os mais recentes estilos. Mas era a nossa mãe quem tomava a decisão final acerca do corte e da cor dos nossos vestidos, pois naqueles dias as raparigas andavam sempre de vestido, nunca de calças ou macacão, como os rapazes. E a nossa mãe escolhia sempre *bordeaux*, azul-claro e cor-de-rosa para Miriam e para mim. Depois de sermos medidas, marcávamos uma data para uma prova e, quando voltávamos, a costureira tinha os vestidos prontos para nós experimentarmos. Os estilos e cores dos vestidos eram sempre idênticos, duas peças transformadas num par perfeito a condizer.

Outras pessoas podiam ficar perplexas com o facto de sermos gémeas idênticas, mas o nosso pai conseguia distinguir-nos pelas nossas personalidades. Pela minha postura, por um gesto que eu fizesse ou no instante em que abria a boca para falar, era claro para ele quem era quem. Embora a minha irmã tivesse nascido primeiro, era eu a líder. Era também muito franca. Sempre que precisávamos de pedir alguma coisa ao pai, Edit, a minha irmã mais velha, incentivava-me a ser eu a abordá-lo.

O meu pai, um judeu religioso, sempre quisera um rapaz, pois, na altura, só um filho podia participar nos cultos públicos e dizer o *Kaddish*, a prece de luto dos judeus, aquando da morte de alguém. Mas o meu pai não teve filhos, só as minhas irmãs e eu. Uma vez que era a mais nova das gémeas e a sua última filha, olhava muitas vezes para mim e dizia: «Devias ter sido um rapaz.» Acho que o que queria dizer era que eu fora a sua última oportunidade de ter um rapaz. A minha personalidade apenas consolidou isto: era forte e corajosa e mais franca — tal como ele deve ter imaginado que um filho seu poderia ter sido.

Esta minha personalidade mais forte, embora me distinguisse, tinha também as suas desvantagens. Parecia-me que o meu pai acreditava que tudo em mim estava errado; nada que eu fizesse parecia agradar-lhe. Muitas vezes, discutíamos e debatíamos, sem que eu estivesse disposta a ceder. Não era resposta suficiente para

mim que o meu pai estava certo só por ser homem e meu pai e chefe da família. Por isso, parecíamos estar sempre em desacordo, o pai e eu.

Recebia, sem dúvida, mais da sua atenção do que a Miriam e as minhas outras irmãs, mas nem sempre era o tipo de atenção que eu queria. Nunca aprendi a contornar a verdade com mentirinhas piedosas, por isso estava sempre metida em sarilhos. Lembro-me de, às vezes, andar em bicos de pés pela casa para evitar o meu pai, tal como muitas vezes de certeza que ele se cansava de mim e da minha grande boca.

Em retrospectiva, porém, dou-me conta de que as minhas batalhas com o pai me endureceram e tornaram ainda mais forte. Aprendi a ludibriar a autoridade. Inadvertidamente, estas batalhas com o meu pai prepararam-me para o que estava para vir.

A minha mãe era muito diferente do meu pai. Era bastante educada para uma mulher daquela época, pois nem todas as mulheres podiam ir à escola. Principalmente entre os judeus religiosos daquele tempo, o que se esperava das raparigas e das mulheres era sobretudo que tomassem conta da família e do lar, enquanto a educação e o estudo estavam reservados aos rapazes. E, embora a minha mãe se tivesse certificado de que aprendíamos a ler, a escrever e a fazer contas, e de que estudávamos história e línguas, também nos ensinou a cuidar dos outros na nossa comunidade.

Éramos a única família judia em Portz, a nossa aldeia, e éramos amigos de toda a gente. A minha mãe ouvia todas as notícias da vila e ajudava frequentemente os nossos vizinhos, principalmente as jovens mães grávidas em momentos de necessidade. Levava-lhes massa ou bolo, ajudava-as com as tarefas de casa se estivessem doentes, dava-lhes conselhos sobre a educação dos filhos e lia-lhes instruções ou cartas de outros membros da família. Ensinou-nos a seguir o seu exemplo, servindo os menos afortunados, principalmente porque estávamos melhor do que muitas outras pessoas na nossa pequena aldeia agrícola.

Mas quase desde que nascemos que o antissemitismo impregnava a Roménia, o nosso país. O que significa que a maioria das pessoas que nos rodeavam não gostava de judeus, só por serem judeus. Nós, as crianças, só soubemos do antissemitismo em 1940, com a chegada do exército húngaro.

Uma vez, o meu pai falou-nos de um incidente antissemita que lhe aconteceu em 1935 quando eu e a Miriam tínhamos apenas um ano. Nesse ano, a Guarda de Ferro — um partido político violentamente antissemita que controlava os serviços da aldeia, a polícia e os jornais — incitou ao ódio contra os judeus inventando histórias falsas sobre o maléfico que o povo judeu era, e como queria enganar toda a gente e dominar o mundo. O meu pai e o seu irmão Aaron foram mandados para a prisão pela Guarda de Ferro romena sob falsas acusações de não pagamento de impostos. Mas era tudo mentira: sempre tinham pago os seus impostos. Foram escolhidos e presos só porque eram judeus.

O pai contou-nos que, quando ele e o tio Aaron saíram da cadeia, decidiram ir para a Palestina para ver se conseguiam ganhar lá a vida. Na altura, a Palestina era um território no Médio Oriente onde o povo judeu vivera antes do seu exílio no tempo do Império Romano; principalmente durante períodos de perseguição, era sempre vista como uma pátria para muitos judeus. Parte da Palestina fora reservada para a imigração judaica no início do século xx, e acabaria por tornar-se no Estado independente de Israel em 1948.

O meu pai e o tio Aaron ficaram alguns meses na Palestina, voltando depois para a Roménia. Quando regressaram, o tio Aaron e a mulher venderam todas as suas terras e bens e planearam emigrar ou mudar-se dali.

O pai incentivou a mãe a partir e a instalar-se também na Palestina.

— Aquilo lá é bom — disse ele. — O país é quente. Há muitos empregos.

— Não — protestou ela. — Não posso mudar-me com quatro filhas pequenas.

— Precisamos de partir já, antes que as coisas fiquem piores para nós — instou-a o meu pai, preocupado com as notícias que ouvia de uma perseguição crescente aos judeus por todo o país e pela Europa.

— O que faria eu lá? Como é que nos iríamos arranjar? Não tenho vontade de viver no deserto — disse a minha mãe. E, como as mães fazem por vezes, bateu o pé e recusou-se a ir. Muitas vezes me questionei como teriam sido as nossas vidas se ela tivesse cedido.

Na nossa pequena aldeia na Roménia, vivíamos numa boa casa, numa grande quinta. Tínhamos milhares de acres cultivados — trigo, milho, feijões e batatas. Tínhamos vacas e ovelhas, das quais produzíamos queijo e leite. Tínhamos uma grande vinha e produzíamos vinho. Tínhamos hectares de pomares, que nos davam maçãs, ameixas, pêssegos e sumarentas cerejas de três cores: vermelhas, pretas e brancas. No verão, essas cerejas tornavam-se os nossos belos brincos, quando fingíamos ser elegantes senhoras aperaltadas. A mãe também adorava o seu jardim em frente à casa e a sua horta nas traseiras, e as vacas, galinhas e gansos.

Mas o que mais a preocupava era deixar para trás a sua própria mãe. Adorávamos visitar a avó e o avô Hersh. E a minha mãe, sendo filha única, sentia-se responsável por cuidar da avó Hersh, cuja saúde não era a melhor e que muitas vezes precisava que a minha mãe cuidasse dela.

— Além disso, estamos em segurança aqui — disse a minha mãe. Acreditava realmente que os rumores de perseguição de judeus por parte dos Alemães e do seu novo chefe de Estado, Adolf Hitler, eram apenas isso: rumores. Não via qualquer necessidade de fugir para a Palestina ou para a América, lugares seguros para judeus como nós. Por isso, ficámos em Portz.

Portz, uma aldeia maioritariamente cristã de uma centena de famílias, tinha um pastor. A filha do pastor, Luci, era a nossa melhor

amiga; tanto eu como Miriam adorávamos brincar com ela. No verão, subíamos às árvores do pomar, líamos histórias e representávamos peças num teatrinho que construíamos estendendo um lençol entre duas árvores. No inverno, até ajudávamos a Luci a decorar a sua árvore de Natal — não dizíamos ao nosso pai, pois ele não teria aprovado.

Embora os rumores de que havia judeus a ser deportados para campos de trabalho se estivessem a espalhar aqui e além, a minha mãe não acreditava que estivéssemos em perigo. Mesmo quando ouvimos falar nos novos guetos — zonas restritas de cidades europeias onde os judeus eram forçados a viver para poderem ser controlados na sordidez e na pobreza —, não acreditámos que estivéssemos realmente em perigo. Mesmo quando todos os bens e todas as liberdades foram retirados aos judeus, quando foram enviados para campos de trabalho e obrigados a trabalhar sem salário como escravos, não achámos que fosse coisa que nos pudesse acontecer a nós. Nunca pensámos que viessem à nossa pequena aldeia.

Uma das minhas primeiras memórias é dos homens de um campo de trabalho judeu de Budapeste que passaram pela nossa aldeia. O governo húngaro trazia estes trabalhadores escravos do campo para trabalhar nas vias férreas; uma vez concluído o trabalho, os trabalhadores eram devolvidos ao campo. Enquanto trabalhavam nas vias férreas, não tinham nenhum sítio onde ficar à noite, por isso o meu pai deixava-os dormir a todos no nosso celeiro. Às vezes, as mulheres deles vinham visitá-los e ficavam em nossa casa. Em troca, as mulheres traziam-nos muitos brinquedos e, mais importante, muitos livros da cidade. Passávamos horas perdidas nos mundos daqueles livros. Era capaz de acabar um livro num dia. Graças a eles, desenvolvi desde muito nova um amor pela leitura.

Como só mais tarde entendi através das coisas que fui lendo, Adolf Hitler chegara ao poder na Alemanha como líder do partido nazi em 1933. Hitler tinha tanto ódio pelos judeus como a Guarda de Ferro romena, e os líderes dos partidos racistas e antissemitas

tornaram-se aliados, unindo-se no seu ódio e nos seus desígnios de governar toda a Europa. Então, em setembro de 1939, a Segunda Guerra Mundial começou quando tropas nazis alemãs invadiram a Polónia. Os Húngaros, sob a liderança de Miklós Horthy, também confiavam em Hitler e tornaram-se seus aliados. Tudo isto começou a acontecer à nossa volta, mas ainda suficientemente longe de nós para que apenas o meu pai se preocupasse com a nossa segurança.

Mas no verão de 1940, quando Miriam e eu tínhamos seis anos, as coisas mudaram. Hitler deu o norte da Transilvânia à Hungria. Nessa altura, a população da Transilvânia, a área mais vasta em redor da nossa aldeia, era metade húngara, metade romena. Mas toda a gente na nossa aldeia era romena. Espalharam-se rumores de que o exército húngaro mataria judeus e romenos e pegaria fogo à nossa aldeia. Mesmo com apenas seis anos, eu sabia que estávamos em perigo.

Miriam, a mais calada das duas, sentia a minha ansiedade, deve tê-la visto no meu rosto e na minha linguagem corporal. Mas nunca se queixou; não estava na sua natureza.

Um dia, soldados húngaros marcharam sobre a nossa aldeia, com o oficial no comando a conduzir as tropas num comprido e brilhante carro preto. Era impressionante, era esse o objetivo. Os aldeãos deviam tomar nota: os exércitos eram agora os detentores do poder, por isso devíamos dar-lhes as boas-vindas! Ouvimos os soldados cantar: «Somos os soldados de Horthy, os mais bem-parecidos do mundo.»

Nessa noite, a minha mãe e o meu pai deixaram os soldados acampar no nosso quintal; o oficial superior dormiu no nosso quarto de hóspedes. A mãe tratou os oficiais como visitas: fez a sua melhor torta e convidou-os para jantar com a família. Lembro-me de que se falou muito sobre boa comida e de que eu e a Miriam estávamos entusiasmadas por nos sentarmos à mesa com aqueles homens importantes de uniforme. Foi uma noite agradável, e os oficiais elogiaram a comida e os bolos da minha mãe. Antes de irem dormir,

beijaram-lhe as mãos enquanto lhe agradeciam, um hábito cortês de muitos homens europeus e húngaros desse período. Partiram bem cedo na manhã seguinte e os nossos pais pareceram ficar tranquilizados.

— Vês? — disse a mãe. — Não há qualquer verdade na conversa de que andam a matar os judeus. São verdadeiros cavalheiros.

— Porque haveriam as pessoas de contar essas histórias? — perguntou o pai, sem esperar uma resposta, e muito menos desacordo por parte da minha mãe ou de qualquer outra pessoa da família. — Tens razão. Os nazis nunca virão a uma aldeia tão pequena como a nossa — concluiu. Devíamos aceitar isto como um facto. Fora o meu pai quem o dissera.

Mas, já noite avançada, atrás de portas fechadas, os nossos pais ouviram um rádio a pilhas. Falaram um com o outro em iídiche, uma língua que nenhuma de nós entendia, enquanto discutiam as notícias. O que estavam eles a ouvir que era assim tão secreto? Que os fazia tentar escondê-lo de nós?

Encostei o ouvido à porta e pus-me à escuta, a tentar ouvir o que estava a acontecer.

— Quem é Hitler? — perguntei quando saíram.

A mãe sacudiu as nossas perguntas com garantias despreocupadas:

— Não precisam de se preocupar com nada. Vai ficar tudo bem.

Mas nós tínhamos ouvido algumas das transmissões de rádio, com Hitler a gritar sobre matar todos os judeus. Como se fôssemos insetos! *Sentíamos* que havia problemas, por mais que os nossos pais nos tentassem garantir o contrário. E, devido ao secretismo do seu comportamento, até a Miriam ficou ansiosa. Estávamos sempre preocupadas, mesmo quando éramos pequenas. Havia um desassossego no que não era dito nem discutido.

Nesse outono, em 1940, eu e a Miriam começámos a ir à escola. Ao contrário das escolas primárias de hoje em dia, a nossa escola tinha alunos da primeira à quarta classe na mesma sala. Eu e a Miriam éramos as únicas judias. Éramos também as únicas gêmeas.

Todos os dias, levávamos roupas a condizer para a escola e fitas da mesma cor atadas às pontas das nossas longas tranças. Como a nossa família antes deles, os nossos novos colegas gostavam de descobrir que gémea era quem.

Também descobrimos que tínhamos duas novas professoras húngaras na escola, que tinham sido trazidas da cidade pelos nazis. Para minha surpresa, trouxeram com elas livros que continham insultos contra os judeus. Também mostravam caricaturas retratando os judeus como palhaços com grandes narizes e barrigas salientes. E, maravilha das maravilhas, pela primeira vez, vimos «imagens aos saltos» projetadas na parede — que era o nome que dávamos aos primeiros filmes, pois não sabíamos o que aquilo era. Lembro-me claramente de ter visto um pequeno filme chamado *Como Apanhar e Matar um Judeu*. Estes filmes de propaganda, algo semelhantes aos anúncios atuais, mas cheios de ódio, eram mostrados antes das longas-metragens nas salas de cinema das cidades. Imaginem ver instruções sobre como matar judeus mesmo antes de um filme da Pixar!

Ver o filme de ódio e ler aqueles livros racistas atçou os outros alunos. Os nossos amigos, ou outras crianças que haviam sido amigos, começaram a chamar-nos nomes como «judias sujas e fedorentas». Os insultos deixavam-me mesmo zangada. Quem eram eles para nos chamar sujas? Sabia que estava tão ou mais limpa do que qualquer um deles! Os miúdos começaram a cuspir-nos em cima e a bater-nos sempre que podiam. Um dia, o nosso livro de matemática continha este problema: «Se tivesses cinco judeus e matasses três, quantos judeus ficavam?»

Perturbadas e assustadas, Miriam e eu corremos para casa a chorar. Tínhamos as roupas imundas de nos terem empurrado novamente para o chão e os nossos rostos empoeirados estavam raiados de lágrimas.

— Lamento muito, meninas — disse a mãe, abraçando-nos e beijando-nos —, mas não há nada que possamos fazer. Não se preocupem! Sejam simplesmente boas meninas. Digam as vossas

orações, cumpram as vossas tarefas na quinta e estudem as vossas leituras.

Um dia na escola, em 1941, alguns rapazes pregaram uma partida à professora quando ela estava de costas. Puseram-lhe ovos de pássaro na cadeira. Toda a turma sabia que estavam lá, mas ninguém disse nada. Todos sustivemos a respiração quando ela se virou e se sentou. Claro que, no segundo em que o seu traseiro atingiu a cadeira, os ovos partiram, salpicando-lhe o vestido novo.

— Foram as judias sujas! — afirmou prontamente um dos rapazes da turma.

— Foram? — perguntou a professora, olhando para mim e para Miriam.

— Não, senhora professora, não!

Estávamos horrorizadas. Nunca nos tínhamos portado mal daquela maneira ou pregado uma partida a um professor. Teríamos ouvido das boas dos nossos pais se nos atrevêssemos! E adorávamos a escola e aprender.

E então aconteceu.

— Foram, sim! — gritaram as outras crianças. — Foram elas! Nós vimos! — Era como se tivessem feito um pacto secreto nas nossas costas e aquele fosse o resultado.

Miriam e eu protestámos, mas em vão. Éramos judias e éramos culpadas.

Sem fazer mais perguntas, a professora chamou-nos à frente da sala para recebermos o nosso castigo. Atirou grãos de milho secos para o chão.

— Ajoelhem-se! — exigiu, a apontar para nós. Durante uma hora, fez-nos ficar ajoelhadas sobre aqueles grãos de milho diante da turma. Os grãos duros cravaram-se na carne dos nossos joelhos despidos. Mas não foi isso que mais nos magoou. O que doeu mais foram as provocações dos nossos colegas, os olhares maliciosos, as caras feias e os sorrisos cínicos que nos dirigiam. Miriam e eu estávamos tão chocadas como magoadas.

Quando chegámos a casa e contámos à nossa mãe, ela respondeu, chorando e abraçando-nos:

— Lamento, meninas. Somos judeus e temos simplesmente de aceitar. Não há nada que possamos fazer.

As suas palavras deixaram-me mais zangada do que o castigo da professora. Queria bater em alguém, bater em algo tão duro como aqueles grãos até o desfazer em farinha de milho. Como podiam as palavras da mãe ser verdade?

Quando o pai chegou do trabalho na quinta, ao fim do dia, e ouviu o que nos tinha acontecido, a sua atitude foi a mesma da mamã.

— Durante dois mil anos, os judeus acreditaram que, se tentassem dar-se bem com as pessoas, sobreviveriam — disse ele. — Temos de obedecer à tradição. Tentem apenas dar-se bem. — Cogitou que, uma vez que vivíamos tão longe, no meio do nada, os nazis não se dariam ao trabalho de aparecer para nos levar dali.

Os distúrbios continuaram durante as tardes e as noites. Adolescentes pertencentes ao Partido Nazi Húngaro, mas ainda com menos de 18 anos — idade em que podiam começar a servir nas forças militares —, cercavam frequentemente a nossa casa e, durante horas, gritavam-nos obscenidades.

— Judeus sujos! — gritavam. — Porcos malucos!

Atiravam tomates ou pedras que nos partiam as janelas. Outros aldeãos juntaram-se-lhes. Às vezes, isto durava três dias inteiros, sem que pudéssemos sair de casa.

— Papá — pedi —, por favor, vai lá fora e fá-los parar!

Queria que ele *fizesse* alguma coisa!

— Eva, não há nada que possamos fazer. Por isso, aprende apenas a aceitar.

Não podia sabê-lo na altura, mas a minha mãe e o meu pai devem ter sentido que, caso tentassem travar aqueles delinquentes juvenis ou retaliar, seriam presos e levados para longe de nós. Ao menos ainda estávamos todos juntos como uma família.

Miriam e eu aninhávamo-nos na cama, assustadas. As nossas irmãs mantinham-se longe das janelas. Sei que também estavam

assustadas. As condições foram ficando cada vez piores. Em junho de 1941, a Hungria entrou na Segunda Guerra Mundial como aliada, ou parceira de guerra, do antissemita Adolf Hitler e da Alemanha, o seu país. Judeus de outros pontos da Europa eram obrigados a usar uma estrela de David amarela — a estrela judaica — do lado de fora das roupas, ou nos casacos, para dizer a toda a gente que eram judeus. Nós não tivemos de usar a estrela amarela, mas todos sabiam que éramos judeus. Estávamos cada vez mais isolados na nossa aldeia.

Ao contrário de muitas crianças judias na Europa, Miriam e eu continuávamos a poder frequentar a escola com outras crianças não judias, embora fosse cada vez mais difícil para nós, uma vez que a zombaria e a provocação não paravam. As nossas sortudas irmãs mais velhas, Edit e Aliz, tinham aulas de alemão, arte, música, desenho, matemática e história — todas as disciplinas exigidas no liceu — com uma professora judia que vivia connosco em casa.

À medida que a luz do outono escurecia com a chegada do inverno, os dias tornaram-se mais curtos e as nossas vidas, mais restringidas. Não nos atrevíamos a brincar lá fora ou a ir à aldeia tanto quanto costumávamos. Os nossos pais nunca mostravam aquilo que sentiam, mas Miriam e eu tínhamos cada vez mais medo.

Então, numa noite de finais de setembro de 1943, a mãe e o pai acordaram-nos com um abanão.

— Eva! Miriam! — silvaram com urgência. — Vistam-se! Vistam as vossas roupas quentes, todas as que puderem, com os casacos e as botas. Não acendam essa vela! Tem de ficar escuro. E façam pouco barulho.

— O q-que estamos a fazer? — perguntei, sonolenta.

— Faz o que te mandam! — murmurou o meu pai.

Enfiámos as nossas roupas quentes e fomos até à cozinha. À luz das brasas brilhantes da lareira, vimos as nossas irmãs mais velhas ali de pé. Também estavam embrulhadas, os seus rostos como pedra nas sombras.

— Meninas — sussurrou o meu pai, juntando-nos às quatro —, chegou a hora de partir. Vamos tentar passar a fronteira para o lado não húngaro da Roménia, onde estaremos seguros. Sigam-nos e lembrem-se: nada de barulho.

Em fila indiana, com o meu pai à frente e a mãe na retaguarda, saímos de casa às escuras. Lá fora, estava frio e ventoso. Mas, na altura, só tinha um pensamento: estávamos em sarilhos, e dos grandes. E estávamos a fugir.

Caminhámos em silêncio, uns atrás dos outros, até ao portão nas traseiras da nossa propriedade, à beira do pomar. Logo a seguir ao portão estavam as linhas do caminho de ferro. Não havia comboios à noite. Estava tudo em silêncio, exceto os sons dos grilos e o canto ocasional de uma ou outra ave noturna.

Se seguíssemos a linha por uma hora ou assim, sabíamos que chegaríamos à parte segura da Roménia. Quando o pai chegou ao portão no limite da nossa propriedade, debruçou-se para o destrancar e empurrou-o.

— Parem! — gritou uma voz. — Se derem mais um passo, disparo!

Um jovem nazi húngaro apontava-nos uma arma. Um grupo de adolescentes usando boinas caqui e as braçadeiras com suásticas dos nazis húngaros tinha estado a guardar a nossa quinta, aí colocado para se certificar de que não fugíamos. Há quanto tempo estavam ali, ninguém sabia.

Éramos apenas seis judeus. Como podíamos ser tão importantes? Agarrei a mão de Miriam, sem me atrever a olhar diretamente para eles, mas esgueirando olhares de soslaio para os soldados. O pai fechou o portão e os rapazes escoltaram-nos de regresso à nossa casa.

A nossa única hipótese de fuga acabava de desaparecer.

CAPÍTULO DOIS

No dia 31 de janeiro de 1944, Miriam e eu faríamos dez anos. Nos aniversários da família, a mãe sempre fizera um bolo e transformara o dia numa ocasião festiva e divertida. Mas Miriam e eu nunca tivemos oportunidade de celebrar o nosso décimo aniversário. A mãe estava demasiado doente. Desde outubro, logo depois de os adolescentes nazis terem impedido a nossa fuga, que adoecera com febre tifoide e ficara todo o inverno de cama. Naqueles dias, não havia medicamentos simples para aliviar as dores da febre e da doença como hoje existem em qualquer farmácia. Preocupávamo-nos com ela e com o seu estado de saúde. A nossa mãe sempre fora muito forte e saudável.

Uma mulher judia de uma aldeia vizinha veio viver connosco para tomar conta da nossa mãe e cuidar da casa. Edit, Aliz, Miriam e eu ajudávamos fazendo mais do que a nossa parte habitual das tarefas na quinta. Éramos vigiados pelos nazis e pelas autoridades húngaras, mas nunca estivemos em prisão domiciliária ou proibidos de sair de casa. Até então, parecíamos estar seguros. Até continuámos a ir à escola, exceto nos raros dias em que os nazis não nos deixavam ir. Nesses dias, éramos ensinadas em casa, como as nossas irmãs mais velhas.

A nossa relativa liberdade chegou abruptamente ao fim numa manhã de março, no ano em que fizemos dez anos. Dois *gendarmes*, ou polícias, húngaros, chegaram ao nosso pátio da frente. Não demoraram a bater à porta.

— Peguem nos vossos pertences! Juntem-nos. Vocês vão ser levados para um centro de transporte. — Não era um pedido; era uma ordem. — Têm duas horas para fazer as malas.

A mãe mal tinha forças para sair da cama. O pai e as nossas irmãs mais velhas juntaram comida, roupa de cama, roupas — tudo aquilo de que conseguiram lembrar-se. Miriam e eu usávamos

vestidos a condizer e levámos mais dois conjuntos de roupas idênticas.

Quando os polícias nos escoltaram para fora da nossa casa, toda a gente em Portz nos viu partir pela única estrada que atravessava a aldeia. Os vizinhos saíram das suas quintas e alinharam-se à beira da estrada. Os nossos colegas de escola limitaram-se a olhar. Ninguém tentou impedir os *gendarmes* de nos levarem. Ninguém pronunciou uma única palavra.

Não me surpreendeu. Uma vez espalhada a notícia de que tentáramos partir a meio da noite, as condições tinham continuado a piorar; o assédio dos aldeãos e dos seus filhos tornara-se mais feio e mais frequente.

Até Luci, a nossa melhor amiga, ficou muito quieta e não nos olhou nos olhos quando nos aproximámos de sua casa. Não disse que lamentava nem nos deu algo com que a pudéssemos recordar para levarmos na nossa viagem. Mesmo antes de passarmos pela sua casa, olhei para ela. Ela baixou o olhar. Em silêncio, deixámos a casa que sempre conhecêramos.

Meteram-nos num vagão coberto puxado por cavalos. Os polícias levaram-nos para uma vila chamada Şimleu Silvaniei, a cerca de cinco horas de distância. Uma vez aí, obrigaram-nos a ficar num gueto com mais de sete mil outros judeus da nossa região romena da Transilvânia. Miriam e eu nunca tínhamos visto tantas pessoas. Para nós, cem pessoas — o número de vizinhos na nossa aldeia — era uma multidão. Sete mil pessoas — todos judeus! — era mais do que alguma vez havíamos visto ao mesmo tempo na nossa vida inteira.

Soubemos mais tarde que Reinhard Heydrich, chefe do principal serviço de segurança do Terceiro *Reich*, o principal gabinete de Adolf Hitler, emitira uma ordem oficial: todos os judeus em territórios ocupados pelos nazis deviam ser deslocados para locais especiais reservados para eles; estes lugares especiais eram chamados guetos. Nunca antes ouvíramos falar nestes guetos. Guetos eram áreas delimitadas por vedações, muros ou arame farpado, e eram

montados nas secções mais degradadas das cidades ou nas zonas mais pobres das regiões rurais. Os judeus estavam proibidos de sair sem uma autorização especial, sob pena de morte.

O nosso gueto situava-se num campo delimitado por uma vedação de arame farpado que parecia ter sido construída à pressa. O rio Beretyo atravessava o meio do campo. O único edifício era uma fábrica de tijolos abandonada que o comandante, ou principal oficial de segurança, ocupava como seu quartel-general. Não havia tendas nem cabinas nem quaisquer outras estruturas sob as quais os judeus pudessem abrigar-se ou dormir. O comandante disse que em breve seríamos levados para campos de trabalhos forçados na Hungria e que aí permaneceríamos até ao fim da guerra.

— Não vos acontecerá nenhum mal — prometeu.

Miriam e eu ajudámos o pai e as nossas irmãs mais velhas a construir uma tenda no solo húmido a partir dos lençóis e dos cobertores que trouxéramos. Batalhámos e bufámos enquanto o comandante do gueto andava de um lado para o outro de mãos nas ancas a gritar:

— Não é bom ver os filhos de Israel a viver em tendas como no tempo de Moisés?

Riu-se de modo estridente, como se tivesse contado a piada mais engraçada do mundo.

A nossa família ficou toda na mesma tenda. De cada vez que o céu escurecia e começava a chover, o comandante berrava por um altifalante:

— Desmontem as tendas! Quero que as construam do *outro* lado.

Não havia qualquer motivo para isto, além da simples crueldade. Quando acabávamos de desfazer as nossas tendas, atravessar a ponte e montar novamente o nosso abrigo na lama, estávamos ensopados.

A mãe continuava muito fraca devido à sua doença, e viver ao ar livre, à chuva e ao frio só a fez piorar. À noite, Miriam e eu dormíamos muito juntas, os nossos pequenos corpos dando calor e conforto um ao outro.

Durante a nossa estada, o chefe de cada família foi levado ao quartel-general para ser interrogado. Um dia, guardas alemães vieram buscar o pai e levaram-no para interrogatório. Acreditavam que os meus pais estavam a esconder ouro e prata, ou que tinham escondido valores na nossa quinta; queriam saber exatamente onde. Mas o pai era agricultor e as suas únicas riquezas eram a terra e as colheitas que produzia. Disse aos guardas que não tinha qualquer prata, exceto os nossos castiçais do *Shabbat*, ou sábado. Quatro ou cinco horas depois, trouxeram-no de volta à nossa tenda numa maca. Estava coberto de marcas de chicote, a jorrar sangue. Tinham-lhe queimado as unhas das mãos e dos pés com a chama de velas. Levou muitos dias a recuperar.

Miriam e eu sentíamo-nos indefesas. Ainda éramos crianças e esperávamos que os nossos pais tomassem conta de nós. Mas não havia nada que eles pudessem fazer para tornar as coisas melhores para nós. E não havia nada que pudéssemos fazer pelo meu pai.

Edit, a nossa irmã mais velha, encarregou-se de cozinhar. Aquando da nossa vinda, fora-nos dito para trazermos comida para duas semanas, mas a mãe fizera-nos trazer tudo aquilo que pudéssemos — feijões, pão e massa. Com o passar das semanas, racionámos a nossa comida e comíamos feijões uma vez por dia. Às vezes, pessoas não judias vinham até à beira do gueto e atiravam comida e outras provisões lá para dentro, mas não me lembro se alguma vez recebemos alguma dessas coisas para comer.

A nossa mãe percebera finalmente quão más estavam as coisas para a nossa família. Miriam e eu queixávamo-nos de dormir no chão molhado e daquela dor constante que nos roía a barriga, mas a mãe não podia ajudar-nos como costumava fazer. Sentava-se no chão, a abanar a cabeça uma e outra vez.

— É tudo culpa minha — dizia. — Devíamos ter ido para a Palestina. — Os seus olhos, encovados pela doença e com círculos negros por baixo devido à falta de um sono adequado, mostravam que a decisão de não ter fugido para a Palestina com o tio Aaron quando houvera oportunidade a assombrava. Agora, presa na

miséria e na privação do gueto, estava cada vez mais apática e deprimida.

Numa manhã de maio de 1944, guardas alemães disseram-nos que íamos para um campo de trabalho, que disseram ficar na Hungria.

— É para vossa própria proteção. Se trabalharem, viverão — disseram. — As vossas famílias ficarão juntas.

Tínhamos ouvido rumores a circular entre os adultos nos guetos de que os judeus enviados para a Alemanha seriam mortos. Por isso, pensámos que, se ficássemos na Hungria, ficaríamos bem, estaríamos em segurança.

Os guardas disseram-nos para deixarmos os nossos pertences, que tudo aquilo de que precisaríamos estaria no campo de trabalho. Ainda assim, a mãe e as nossas irmãs mais velhas levaram alguns valores da nossa tenda. O pai levou o seu livro de orações. Miriam e eu vestimos os nossos vestidos *bordeaux* a condizer.

Os guardas conduziram-nos às linhas de comboio e meteram-nos em vagões de gado, forçando e empurrando até cada vagão estar a abarrotar, com oitenta ou cem pessoas. Os guardas nomearam o pai responsável pelo nosso vagão. Disseram-lhe que, se alguém escapasse, seria alvejado. Fecharam as portas com força e selaram-nas com uma barra de metal que encaixava em duas pegas. Arame farpado cobria quatro pequenas janelas ao cimo, duas de cada lado. Como podia alguém escapar?

Miriam e eu encostámo-nos uma à outra. Não havia espaço para nos sentarmos ou deitarmos, nem mesmo crianças pequenas como nós. Embora fosse apenas uma rapariguinha, sentia que algo horrível estava prestes a acontecer. Só o facto de ver os nossos pais tão impotentes, pais que sempre vira como nossos protetores incapazes agora de proteger a família, virara completamente ao contrário qualquer noção de segurança que eu pudesse ter.

Durante dias, o nosso comboio viajou ao longo das linhas, o ruído interminável interrompido apenas pelo ocasional soar do apito do comboio. Não só não tínhamos onde nos sentarmos ou deitarmos,

também não havia comida nem água, nem casas de banho. Lembro-me de ter muita sede, e a boca pastosa e seca.

Quando o comboio parou para reabastecer no primeiro dia, o pai pediu água ao guarda. O guarda exigiu cinco relógios de ouro em troca. Os adultos reuniram os relógios e entregaram-nos. Então, o guarda atirou um balde de água contra a janela de arame farpado. A água salpicou inutilmente o interior. Não me lembro de alguém ter conseguido alguma. Posso ter bebido uma ou duas gotas, mas isso nem sequer começou a saciar a minha sede. No segundo dia, o comboio voltou a parar e o mesmo aconteceu com a água.

Ao fim do terceiro dia, o vagão parou e o pai, falando em húngaro, pediu água ao guarda. Alguém respondeu em alemão: «Vass? Vass?» O quê? O quê? Não compreendera o meu pai.

Foi então que percebemos: já não estávamos na Hungria. Tínhamos atravessado a fronteira para a Polónia, que era agora território alemão.

Uma sensação de horror apoderou-se de nós. Até então, havia esperança. Todos, incluindo eu, tínhamos entendido que, enquanto ficássemos na Hungria, havia alguma hipótese de irmos trabalhar para um campo de trabalhos forçados. Por esta altura, todos sabiam que a Alemanha e os Alemães significavam morte para os judeus. Muitos começaram a rezar.

O vagão de gado encheu-se do som de adultos que mal reprimiam o choro, crianças alimentando-se do seu desespero exposto. Aqui e além, alguém tentava entoar o *Sh'ma*, a prece hebraica que pedia a Deus que nos ouvisse e salvasse.

O comboio começou novamente a andar. Miriam e eu ficámos caladas enquanto ganhava velocidade, indo cada vez mais depressa. Tínhamos passado três dias sem comida nem água.

Ao quarto dia, o comboio parou. O pai pediu novamente água ao guarda. Ninguém respondeu.

Percebemos que devíamos ter chegado ao nosso destino. Pus-me em bicos de pés para olhar pela janela. O céu estava escuro.

Durante uma hora ou duas, ouvimos muitas vozes alemãs a gritar ordens do lado de fora. As portas mantiveram-se fechadas.

Chegou finalmente o amanhecer, hora de o pai dizer as suas orações da manhã. Pegou no seu livro de orações e tentou descobrir para que lado era o leste, pois os judeus rezam na direção de Israel, que fica no Médio Oriente. Perguntei de mim para mim como podia ele rezar numa altura daquelas.

— Pai — disse —, não sabemos onde estamos. Mentiram-nos. Não estamos num campo de trabalho.

— Eva, temos de rezar a Deus por misericórdia — respondeu o pai. — Venham cá.

Puxou a nossa família para um canto do vagão. Miriam e eu chegámo-nos bem perto dele, seguidas pelas nossas irmãs e pela nossa mãe. Ouvimo-lo em silêncio enquanto falava.

— Prometam-me que, se alguma de vós sobreviver a esta guerra terrível, irão para a Palestina, onde vive o vosso tio Aaron e onde os judeus podem viver em paz.

Nunca falara connosco desta maneira, com respeito, como se fôssemos adultas. Miriam e eu e as nossas irmãs mais velhas concordámos solenemente.

O pai deu início às suas orações da manhã.

Lá fora, podia ouvir vozes alemãs a gritar ordens. Cães ladravam-nos de todas as direções. As portas do vagão abriram-se com um guincho. Guardas SS mandaram sair toda a gente.

«*Schnell! Schnell!*» Rápido! Rápido!

Vi altas vedações de arame farpado, torres de vigia em cimento por todo o lado. Soldados debruçavam-se delas com os canos das armas apontados para nós. Não faço ideia de como chegámos do vagão à plataforma de seleção. Talvez tenhamos saltado ou descido por uma rampa de madeira. Mas não tardou a que estivéssemos na plataforma, no mais absoluto terror, duas raparigas de dez anos com vestidos *bordeaux* a condizer.

CAPÍTULO TRÊS

A mãe agarrou-nos pelas mãos. Alinhámo-nos, lado a lado, na plataforma de betão. O cheiro atingiu-me: um odor horrível que nunca antes sentira. Lembrava-me o cheiro de penas de galinha queimadas. Em casa, na quinta, depois de depenarmos as galinhas, costumávamos queimar as últimas pequenas penas sobre uma chama, para limpar. Mas aqui o cheiro era avassalador. Era como se o atravessássemos, como se nos rodeasse. Estava em toda a parte e era impossível escapar-lhe. Não descobri de imediato o que era realmente o cheiro.

Era um sítio confuso e barulhento. Havia pessoas aos berros.

Havia gritos.

Confusão.

Desespero.

Latidos.

Ordens.

Choro, choro, choro. O choro de crianças pelos pais. O choro de pais pelos seus filhos. O choro de pessoas confusas e perplexas. O choro de pessoas que viam com certeza que os seus pesadelos se haviam tornado realidade. Todos juntos, os choros ecoavam com a derradeira e mais inimaginável dor da perda humana, da angústia emocional e do sofrimento.

Sentia-me como se estivesse a ver as coisas a acontecer a outra pessoa. Aqui e ali, vislumbrava camadas de vedações de arame farpado, brilhantes luzes *klieg* e filas de edifícios. Os guardas SS andavam entre os grupos de pessoas, como que à procura de alguma coisa.

De repente, senti que aterrara novamente no meu corpo. Olhei em volta e senti a figura trémula de Miriam ao meu lado. Mas onde estava o pai? E onde estavam as minhas irmãs mais velhas, Edit e Aliz? Procurei desesperadamente, agarrando-me bem às mãos da minha mãe e da minha irmã gémea, num aperto de morte. Não

conseguia encontrar o resto da minha família. Após quatro dias de tão grande proximidade com as minhas irmãs mais velhas e com o meu pai, tinha-os perdido na minha perplexidade e confusão.

Nunca mais voltei a vê-los.

Agarrei-me bem à mão da mãe. Um guarda SS passou por nós a correr. Gritava em alemão «*Zwillinge! Zwillinge!*» Gémeas! Gémeas! Passou por nós a correr, depois parou bruscamente, virou-se e regressou. Postou-se à nossa frente. Os seus olhos oscilavam entre o rosto de Miriam e o meu, para cima e para baixo, para os nossos vestidos *bordeaux* a condizer.

— São gémeas? — perguntou à minha mãe.

Ela hesitou.

— Isso é bom?

— Sim — disse o guarda.

— São gémeas — respondeu a mãe.

Sem dizer uma palavra, ele agarrou em Miriam e em mim, levando-nos para longe da nossa mãe.

Gritámos e chorámos ao sermos levadas dali. Implorámos-lhe que nos deixasse ficar com ela. O guarda alemão não prestou qualquer atenção às nossas súplicas. Arrastou-nos pelas linhas do caminho de ferro, para longe da plataforma de seleção. Virei a cabeça e vi a minha mãe, desesperada, de braços estendidos para nós, aos gritos. Um soldado agarrou-a e empurrou-a noutra direção. A minha mãe desapareceu na multidão.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa. Os guardas separaram as pessoas na plataforma de seleção em grupos. Num grupo, havia homens e mulheres jovens. No outro, crianças e pessoas mais velhas. Miriam e eu agarrámo-nos uma à outra quando nos levaram para nos juntarmos a um grupo de 13 pares de gémeos que tinham vindo no nosso comboio: 26 crianças, todas assustadas e confusas.

Um guarda trouxe uma mãe e as suas gémeas para se juntarem ao nosso grupo. Reconheci-a! Era a Sra. Csengeri, mulher do armazenista de Şimleu Silvaniei, a vila próxima da nossa aldeia. As

suas gémeas tinham oito anos e, quando fazíamos compras lá na loja, ela e a mãe gostavam de conversar sobre os problemas de criar gémeas. Ela e as filhas ficaram com o nosso grupo. Porque é que os guardas tinham deixado a mãe delas vir com elas e a nossa não? Não tive tempo para pensar muito na questão antes de começarem novamente a acontecer coisas.

Passada meia hora, um guarda SS levou-nos para um grande edifício, perto da vedação de arame farpado. Assim que entrámos no edifício, mandaram-nos despir. Senti-me novamente entorpecida, sem fazer parte do meu próprio corpo. Era tudo um pesadelo, certo? Acabaria assim que abrisse os olhos e a minha mãe estaria lá para me dar mimos, certo? Mas não estava a sonhar.

Cortaram-nos o cabelo curto a todos. O barbeiro explicou que os gémeos recebiam tratamento privilegiado: era-nos permitido manter algum cabelo. Felizmente, aprendera um pouco de alemão, por isso entendia o que era dito a um nível básico. Enquanto via as nossas longas tranças cair ao chão, não me senti lá muito privilegiada.

A seguir, tomámos duche. As nossas roupas tinham sido fumigadas com uma espécie de químico antipiolhos e foram-nos devolvidas. Usar as nossas próprias roupas era outro «privilégio» dado aos gémeos e que os outros prisioneiros não tinham. Miriam e eu pusemos os nossos vestidos, mas cada um tinha agora uma grande cruz vermelha pintada nas costas. Odiei instantaneamente aquela cruz vermelha no meu vestido. Usar o vestido não parecia um privilégio. Sabia que, tal como a estrela amarela que obrigavam os judeus a usar nos guetos, os nazis utilizavam aquela cruz vermelha para nos marcar de modo que não pudessemos fugir.

Nesse preciso momento, decidi não fazer nada do que os guardas me pediam. Dar-lhes-ia o máximo de problemas possível. No centro de processamento, estavam a tatuar os braços dos prisioneiros. Vimos os prisioneiros avançar, um a seguir ao outro, sendo-lhes dito que estendessem os braços, que eram depois imobilizados enquanto o instrumento lhes gravava números na carne, provocando dores agudas.

Eu não. Não ia mais ser uma ovelha. Quando chegou a minha vez, debati-me e pontapeei. O guarda SS agarrou-me o braço. A sensação do seu aperto a torcer-me a pele dissolveu a minha determinação.

— Quero a minha mãe! — gritei.

— Fica quieta! — ordenou o guarda.

Mordi-lhe o braço.

— Tragam a minha mãe de volta!

— Deixamos-te vê-la amanhã.

Sabia que ele estava a mentir. Tinham acabado de nos separar da mãe, por isso porque haveriam de nos juntar de novo no dia seguinte? Foram precisas quatro pessoas para me segurar enquanto aqueciam a ponta de um aparelho semelhante a uma caneta sobre uma chama, mergulhando-a depois em tinta azul. Encostaram então a caneta quente à minha carne e começaram a gravar o meu número na parte exterior do meu braço esquerdo: A-7063.

— Parem! — gritei. — Isso dói!

Debati-me de tal modo que não conseguiram manter-me completamente quieta. Devido ao meu forcejar, os números no meu braço ficaram esborratados.

A seguir tatuaram Miriam. Ela não se debateu como eu. O seu número era o A-7064. Todos os símbolos no seu braço ficaram nítidos.

Tínhamos os braços doridos e inchados quando nos escoltaram pelo campo até à nossa caserna, onde íamos residir. Pelo caminho, vi grupos de pessoas que pareciam esqueletos, acompanhadas por guardas SS com cães enormes. Os prisioneiros regressavam do trabalho. Que tipo de trabalho faziam, que os deixava tão magros? Estariam doentes? Não lhes era dada comida? Tudo à minha volta tresandava àquele horrível e denso cheiro a penas de galinha, tudo tinha um ar escuro, cinzento e sem vida. Ameaçador. Não me lembro de haver relva, árvores ou flores em lado nenhum.

Finalmente, chegámos às nossas casernas no Campo II B, o campo das raparigas em Birkenau, também conhecido como Auschwitz II. O edifício era um estábulo originalmente construído para cavalos. Estava imundo. O fedor lá dentro era pior do que o cheiro no exterior. Não havia janelas na parte inferior das paredes para deixar entrar luz ou para ventilação, só no topo, por cima das nossas cabeças, o que tornava o local sufocante. Uma dupla fila de tijolos formando um banco atravessava o meio da caserna. Ao fundo, havia uma latrina com três buracos, outro privilégio dos gémeos; não tínhamos de ir lá fora à grande latrina pública para ir à casa de banho. Havia algumas centenas de gémeos entre os dois e os dezasseis anos. Também lá vimos as filhas da Sra. Csengeri, mas não falámos com elas nessa altura.

Nessa primeira noite, um par de gémeas húngaras que estavam ali há algum tempo mostrou-nos os beliches de três andares. Miriam e eu tínhamos um dos beliches do fundo.

Quando chegou a hora da refeição da noite, todas as outras crianças correram para a porta.

O jantar consistia numa fatia de seis centímetros de pão escuro e num líquido acastanhado a que toda a gente chamava «café falso». Miriam e eu olhámos uma

para a outra.

— Não podemos comer isto — disse eu a uma das gémeas húngaras.

— Não recebem mais nada até amanhã — respondeu ela. — É melhor comerem.

— Não é *kosher* — disse eu. Em casa, na quinta, só comíamos comida *kosher* — comida que preenchia os requisitos das leis alimentares judaicas — que o pai abençoava antes de cada refeição.

As gémeas riram-se de nós, mas não era um riso bondoso, era mais do tipo são-estúpidas-ou-quê. E devoraram avidamente o pão que Miriam e eu lhes oferecemos.

— Agradecemos o pão a mais — disseram —, mas vão ter de aprender a comer de tudo se querem sobreviver. Não podem ser esquisitas e não podem preocupar-se em saber se alguma coisa é ou não *kosher*.

Após a refeição, as gémeas húngaras e algumas das outras puseram-nos ao corrente.

— Estão em Birkenau — disseram-nos. — Faz parte de Auschwitz, mas fica a três quilómetros do campo principal. Auschwitz tem uma câmara de gás e um crematório.

— Não compreendo — disse Miriam.

— O que é uma câmara de gás? — perguntei. — O que é um crematório?

— Sigam-nos e nós mostramos-vos.

As gémeas levaram-nos até às traseiras da caserna, junto à porta, onde a supervisora das casernas não reparou em nós. Olhámos para o céu. Chamas subiam de chaminés que se erguiam sobre Birkenau. Todo o campo estava coberto de fumo e uma cinza fina enchia o ar, tornando-o tão escuro como o céu após a explosão de um vulcão — de tão denso que era. Mais uma vez, fomos atingidas por aquele cheiro horrível.

Embora tivesse medo de perguntar, ouvi-me dizer:

— O que estão eles a queimar a esta hora da noite?

— Pessoas — respondeu uma rapariga.

— Não se queimam pessoas! — exclamei. — Não sejas ridícula.

— Os nazis queimam. Querem queimar todos os judeus.

— Viste como os nazis dividiram as pessoas que chegaram nos comboios em dois grupos esta manhã? — disse outra rapariga. — Provavelmente estão a queimar um dos grupos agora mesmo. Se os nazis acharem que és jovem e suficientemente forte para trabalhar, deixam-te viver. Os restantes são levados para as câmaras de gás e gaseados até à morte.

Pensei na minha mãe, tão fraca após a sua longa doença.

Pensei no meu pai, agarrado ao seu livro de orações.

Pensei nas nossas duas irmãs mais velhas.

No fundo, eu sabia, sem que mo tivessem dito, que eles tinham sido empurrados para a fila que fora para as câmaras de gás. Contra esse sentimento, permiti-me ter esperança de que talvez ainda estivessem vivos. Afinal, eram mais velhos e mais espertos do que Miriam e eu.

— Somos crianças — disse. — Não podemos trabalhar, mas ainda estamos vivas.

— Por agora — respondeu uma das gémeas. — E isso é só porque somos gémeas e eles usam-nos nas experiências realizadas pelo doutor Mengele. Virá aqui amanhã logo a seguir à chamada.

— Que experiências? — perguntei com voz trémula.

Lea, uma gémea de 12 anos, disse-nos para pararmos de nos preocupar e para irmos para a cama.

As crianças dormiam vestidas e calçadas, por isso Miriam e eu fizemos o mesmo. Com os nossos vestidos a condizer, deitámo-nos no nosso beliche de madeira sobre um colchão de palha. Embora estivesse cansada, não consegui dormir. Enquanto dava voltas na cama, reparei que algo se movia no chão.

— Há ratos aqui dentro! — O grito saiu de dentro de mim sem eu pensar.

— Calada! — disse alguém. — Não são ratos, são ratazanas. Não te farão mal desde que não tenhas comida na cama. Agora dorme.

Já antes tinha visto ratos na nossa quinta, mas não eram enormes como aquelas ratazanas; aqueles roedores tinham o tamanho de gatos pequenos.

Precisava de usar a latrina, e a Miriam também. Às escuras, pusemos lenta e cuidadosamente os pés no chão, por causa das ratazanas. Batemos com os sapatos para trás e para a frente para as assustar. Depois corremos para o fundo da caserna. A latrina tinha menos de quatro metros quadrados, com paredes de madeira escura e chão de cimento. As latrinas não são como as casas de banho de hoje em dia; têm um chão com buracos sobre os quais temos de nos empoleirar. Eram ainda piores do que o resto da

caserna. Havia vômito e fezes humanas que tinham falhado os buracos da latrina espalhados por toda a parte. O cheiro era hediondo.

Entrámos e eu fiquei paralisada. Ali, na imundície do chão, estavam os cadáveres de três crianças nuas. Nunca antes tinha visto uma pessoa morta. Ali estavam elas, naquele chão duro, frio e fedorento... mortas. Nesse preciso momento, percebi que a morte podia acontecer-nos, a Miriam e a mim. Jurei silenciosamente fazer tudo o que pudesse para garantir que Miriam e eu não acabávamos mortas como aquelas crianças. Seríamos mais fortes, mais espertas, *o que quer que fosse preciso* para não acabar assim.

Dali em diante, na minha mente, íamos sempre acabar por sair do campo com vida. Nunca permiti que medos ou dúvidas dominassem os meus pensamentos. Mal me entravam na cabeça, expulsava-os à força. A partir do momento em que saí da latrina, concentrei todo o meu ser numa única coisa: em sobreviver a mais um dia naquele lugar horrível.

CAPÍTULO QUATRO

De manhã, ouviu-se um apito. Ainda estava escuro.

— De pé! De pé! De pé! — gritou a supervisora da caserna, uma *pflegerin*, ou enfermeira, que tomava conta de nós. Usava uma bata branca. — Preparem-se! — guinchou.

Miriam e eu ainda não conhecíamos a rotina. De mãos dadas, vimos as raparigas mais velhas ajudar as mais pequenas a preparar-se para a chamada. Lá fora, alinhámo-nos em filas de cinco para sermos contadas. A chamada demorava entre meia hora e uma hora. Olhando agora para trás, não me lembro de uma única criança se ter sentado ou chorado. Nem sequer as de dois anos. Acho que entendíamos instintivamente que as nossas vidas dependiam da nossa cooperação.

A seguir à chamada, fomos para dentro arrumar a caserna. As três crianças mortas que Miriam e eu tínhamos visto na latrina na noite anterior já não estavam no chão. Descobrimos que, quando uma criança morria, as outras crianças no mesmo beliche não aguentavam ficar deitadas ao lado de um cadáver, por isso retiravam o corpo para a latrina e guardavam para si as roupas dela.

Quanto aos três corpos que Miriam e eu tínhamos visto, tinham sido novamente colocados nos seus beliches por adultos, para serem contados. Todos os dias, cada criança, morta ou viva, tinha de ser contada. O Dr. Mengele sabia quantos gémeos tinha e nenhum cadáver podia ser despachado sem seguir os procedimentos.

Nessa primeira manhã, uma guarda SS aguardava diante da caserna.

— O doutor MENGELE vem Aí! — gritou.

As supervisoras pareciam nervosas, trémulas com a antecipação de ver o grande homem. Miriam e eu ficámos em sentido, sem nos atrevermos a mexer ou respirar.

O Dr. Josef Mengele entrou na caserna. Estava elegantemente vestido com um uniforme das SS e calçava umas altas e reluzentes botas de montar pretas. Usava luvas brancas e trazia uma bengala. O meu primeiro pensamento foi como era bonito, como uma estrela de cinema. Marchou pela caserna, contando as gémeas em cada beliche, com um séquito de oito pessoas. Soubemos mais tarde que o grupo incluía um tal Dr. König, uma rapariga que era a intérprete e vários guardas SS e assistentes. Mengele nunca era escoltado por menos de oito pessoas durante estas verificações às casernas.

Quando parou à beira dos beliches que continham os três cadáveres, o Dr. Mengele enfureceu-se.

— Porque é que deixaram estas crianças morrer? — gritou à enfermeira e aos guardas SS. — Não posso permitir-me perder uma única criança!

A nossa enfermeira e as supervisoras tremeram.

Continuou a contar até chegar ao pé de Miriam e de mim. Parou e olhou para nós. Estava petrificada. Depois avançou. As outras crianças disseram-nos que ele tinha estado na plataforma de seleção no dia anterior, quando chegáramos. Era ele quem fazia as seleções dos prisioneiros com um gesto da sua bengala. Para a direita significava as câmaras de gás, para a esquerda, o campo e os trabalhos forçados.

Após Mengele ter saído da caserna, recebemos as nossas rações alimentares da manhã. Miriam e eu bebemos o café falso, embora tivesse um sabor horrível. O mais importante era ser feito com água fervida, e não demorámos a aprender que isso significava que era seguro e não nos daria disenteria — uma diarreia sem fim.

Em grupos de cinco, marchámos de Birkenau para os laboratórios de Auschwitz. Entrámos num grande edifício de tijolo de dois andares. Miriam e eu fomos obrigadas a tirar os vestidos, a roupa interior e os sapatos. Havia rapazes e raparigas: 20 ou 30 pares de gémeos. Inicialmente, a visão chocou-me.

Descobri mais tarde que os rapazes ficavam numa caserna separada com melhores condições do que as nossas. Estavam ao

cuidado de um jovem prisioneiro judeu, que antes fora um oficial, chamado Zvi Spiegel, escolhido por Mengele para os supervisionar. Zvi intervinha no sentido de ajudar os pequenos gémeos, convencendo Mengele a dar-lhes uma melhor alimentação e a melhorar as suas condições de vida; Mengele deve ter percebido que tudo aquilo faria deles melhores cobaias. Por isso, Zvi, também conhecido como o «Pai dos Gémeos», confortava os rapazes, dava-lhes jogos para manter as suas mentes ativas e ensinava-lhes um pouco de geografia e de matemática. Durante o dia, deixava-os jogar com uma bola feita de farrapos para os manter em melhor forma física. Também os obrigou a memorizar os nomes uns dos outros, para os fazer sentir-se humanos.

Na nossa caserna não havia uma pessoa assim para nos liderar e ajudar a formar amizades. Nunca me dirigi a outra rapariga para lhe perguntar o nome ou dizer-lhe o meu. Estávamos todas sozinhas, meras gémeas com números, cada uma de nós tentando sobreviver.

A única pessoa em que tinha de pensar era em Miriam.

Nesse edifício de tijolo, ao olhar em volta, reparei que havia alguns gémeos falsos, mas que a maioria eram gémeos idênticos, como Miriam e eu. Soube mais tarde que o Dr. Mengele queria descobrir o segredo dos gémeos. Um dos objetivos das suas experiências era aprender a criar bebés louros e de olhos azuis em múltiplos números para aumentar a população alemã. Hitler chamava aos arianos, os alemães de pele branca, cabelo louro e olhos azuis, «a Raça Superior» — e nós éramos as suas cobaias humanas. Para estudar outras «anomalias» naturais e para tentar perceber como impedir mutações genéticas, a pesquisa de Mengele incluía gigantes, anões, deficientes e ciganos. Os anões viviam em casernas perto da nossa e às vezes víamo-los a atravessar o campo.

Sentávamo-nos todos em bancos, completamente nus. Também havia lá rapazes. Estava muito frio. Não tínhamos onde nos esconder. Era embaraçoso estar ali sem roupa nenhuma. Algumas raparigas cruzavam as pernas e cobriam-se com as mãos. Outras

tremiam de medo enquanto guardas SS apontavam para nós e riam. Para mim, uma das coisas mais desumanizadoras do campo era a nudez.

O Dr. Mengele entrava e saía para supervisionar. Outros médicos e enfermeiros de bata branca, que eram reclusos ou prisioneiros como nós, observavam-nos e tomavam notas.

Primeiro, mediram-me a cabeça com um instrumento chamado compasso, feito de duas peças de metal que encostaram ao meu crânio e apertaram. O médico ditou os números a um assistente, que tomou nota num ficheiro.

Mediram-nos os lóbulos das orelhas; a ponte do nariz; o tamanho dos lábios; a amplitude, forma e cor dos nossos olhos. Compararam o tom de azul dos olhos de Miriam com o azul dos meus usando uma tabela de cores de olhos. Mediram-nos uma e outra vez. Passaram três a quatro horas numa orelha. De cada vez que os médicos me mediam, mediam também Miriam para ver em que aspetos éramos parecidas e em quais éramos diferentes. Um fotógrafo tirou fotografias; um artista fez esboços. Técnicos tiraram radiografias, cinco ou seis de cada vez.

A seguir, fizeram-nos perguntas e deram ordens. Um recluso que falava húngaro e alemão serviu de tradutor. Se eu fizesse alguma coisa, Miriam fazia o mesmo.

— De cada vez que te sigo — sussurrou Miriam —, apontam qualquer coisa. Querem ver qual de nós é a líder.

Era eu, claro, como sempre. Após terem-nos observado no dia anterior no centro de processamento, quando eu resistira à tatuagem, sabiam também que eu era uma agitadora.

Ficámos ali sentados durante seis a oito horas. Odiei cada segundo. Finalmente, deixaram que nos vestíssemos e fomos conduzidas de volta à caserna para a refeição da noite: uma parca ração de pão muito escuro com cerca de seis centímetros de comprimento.

De tarde, a nossa enfermeira supervisora fez-nos aprender uma canção em alemão. Dizia assim: «Sou uma criancinha alemã.

Senão, nem pensar!» Punha-nos em círculo e obrigava uma rapariga a ficar no meio. Tínhamos de andar à volta dessa rapariga e cantar: «Nem pensar! Nem pensar! Nem pensar!»

— Suas judias sujas e imundas! — gritava-nos a enfermeira. — Porcas!

Ela adorava aquela canção. Queria dizer que éramos repugnantes.

Odávamos aquela enfermeira. Chamávamos-lhe «Cobra» nas costas dela. Tinha pernas grossas e longos cabelos pretos que usava entrançados. Estava sempre a provocar-nos.

— Quem pensam vocês que são? — perguntava.

Não respondíamos. Ela também não estava à espera de respostas.

— Açam que são espertas porque ainda estão vivas? — perguntava a Cobra. — Não tardarão a estar mortas. Vamos matar-vos a todos.

Nos primeiros dias, Miriam e eu fartámo-nos de chorar. Mas não demorámos a perceber que chorar não ajudava nada. Sentíamo-nos, sobretudo, entorpecidas.

O mais importante era mantermo-nos vivas. Sabíamos que estávamos vivas por causa das experiências. Por um feliz acaso da natureza.

Porque éramos as gémeas de Mengele.

CAPÍTULO CINCO

Estar em Auschwitz era como estar todos os dias num acidente de automóvel. Todos os dias acontecia algo aterrador.

No espaço de duas semanas, tiveram de nos rapar as cabeças. Tal como todas as gémeas na nossa caserna, estávamos infestadas de piolhos. Os piolhos, aprendi, põem os ovos no cabelo humano. E podem ir de uma cabeça para outra. A única maneira de nos livrarmos deles é através do uso de um champô especial, ou de um tratamento químico, e pentear o cabelo todos os dias com um pente fino. Não tínhamos nenhuma dessas coisas, pelo que os piolhos se multiplicaram e espalharam de pessoa em pessoa, para as roupas e para as camas — havia-os por todo o lado. Piolhos e pulgas faziam ninho nos nossos cobertores, nos colchões de palha e nos vestidos. Estávamos constantemente a coçar-nos. Mesmo com o cabelo cortado, continuávamos a ter piolhos! Miriam e eu estávamos sempre a tirar piolhos uma à outra e tentávamos matá-los com as unhas.

Uma vez por semana, os gémeos tinham o privilégio de tomar um duche. Cada um de nós recebia uma barra de sabão. Na enorme sala dos duches, tirávamos as nossas roupas e deixávamo-las numa pilha, para que fossem desinfetadas. Soube mais tarde que o *Zyklon B*, o químico utilizado para desinfetar as nossas roupas, era um dos três químicos usados para gasear pessoas até à morte em Auschwitz. Os nazis combinavam o *Zyklon B*, que vinha em grânulos azul-acinzentados, com cianeto de hidrogénio e diatomite para formar a mistura química utilizada para o assassinio em massa realizado nas câmaras de gás. Misturado com o cheiro de carne e ossos a arder, o gás criava aquele fedor que notara no primeiro dia. Não é um cheiro que um ser humano possa alguma vez esquecer.

Miriam e eu mantivemo-nos juntas. Estávamos sempre juntas. Antes de nos lavarmos, entrámos numa banheira de líquido esbranquiçado. Queimou-me as pernas e deixou manchas

vermelhas. Às vezes, as supervisoras limpavam-nos a cabeça e o corpo, e o desinfetante ardia-me nos olhos. Quarenta ou cinquenta gémeos tomavam banho ao mesmo tempo. O Dr. Mengele queria que estivéssemos limpos e ocasionalmente mandava os seus assistentes para tentarem limpar a nossa caserna. Mas a imundície e os piolhos do campo acabavam sempre por voltar e nós lidávamos com isso o melhor que podíamos.

Certa vez, vimos alguns rapazes no duche. Lembro-me de olhar para eles e de ter pensado: «Estão tão magros. Ainda bem que não tenho aquele aspeto.» Na verdade, era provável que *tivesse*. A Miriam também. Tinha os olhos encovados e podia contar cada osso no seu corpo. Mas não me sentia magra e patética. Precisava de me ver como sendo forte.

O Dr. Mengele definiu uma rotina para nós seguirmos. Três dias por semana, éramos obrigados a marchar até aos laboratórios em Auschwitz para estudos intensivos que nos deixavam exaustos. Nos outros três dias, estávamos nos laboratórios de análises sanguíneas em Birkenau. Os dias misturavam-se uns com os outros. Todas as manhãs, a seguir à chamada, Mengele vinha à nossa caserna para uma inspeção. Sorridente, chamava-nos *meine kinde*, meus meninos. Alguns dos gémeos gostavam dele e chamavam-lhe Tio Mengele. Eu não. Ele apavorava-me. Mesmo naqueles dias, eu sabia que ele não se importava connosco como um verdadeiro médico.

Às terças, quintas e sábados, íamos ao laboratório de análises sanguíneas. Miriam e eu sentávamo-nos num banco com outro par de gémeas. Alguém nos amarrava a parte superior dos braços com finos e flexíveis tubos de borracha. Havia duas pessoas a trabalhar em mim ao mesmo tempo. Um médico espetava-me uma agulha no braço esquerdo para extrair sangue. Enchia uma ampola e voltava a picar-me. Podia ver mãos a levar ampolas do meu sangue vermelho-vivo. Lembro-me de me ter perguntado: «Quanto sangue posso eu perder e continuar viva?» Entretanto, outro médico injetava-me qualquer coisa no braço direito. Espetava cinco agulhas

sem retirar a primeira. O que estava ele a injetar no sangue que me restava?

Odiava injeções. Mas recusava-me a gritar de dor, pois não queria que os nazis soubessem que estavam a magoar-me. Lidava com aquilo virando a cabeça e contando as injeções até terminar.

No caminho de regresso à nossa caserna, Miriam e eu não falávamos das injeções. Via essas injeções como o preço a pagar para sobrevivermos: dávamos-lhes o nosso sangue, os nossos corpos, o nosso orgulho, a nossa dignidade, e, em troca, eles deixavam-nos viver mais um dia. Não me lembro de um único gémeo que não cooperasse.

Naqueles dias, não sabíamos para que serviam as experiências ou o que nos estavam a injetar. Soubemos mais tarde que o Dr. Mengele injetava propositadamente alguns gémeos com doenças perigosas e potencialmente fatais como a escarlatina, seguindo-se depois injeções de outra coisa para ver se isso curava a doença. Algumas injeções eram tentativas de alterar a cor dos olhos.

Raparigas mais velhas, muitos anos depois de termos sido todos libertados, contaram-nos que Mengele as levava para um laboratório e lhes fizera uma transfusão de sangue de um rapaz, transfundindo também o seu sangue para os corpos de rapazes. Queria descobrir uma maneira de transformar raparigas em rapazes e rapazes em raparigas. Muitos destes pormenores, descobri-os 40 anos depois, como a percentagem de gémeos rapazes a quem foram cortadas algumas das suas partes privadas na busca de Mengele por descobrir se podia transformá-los em raparigas. Um desses rapazes morreu na cama, mesmo ao lado do irmão gémeo, que disse mais tarde: «Senti o corpo do meu irmão a ficar frio.»

Dizia-se na altura que seis pares de gémeos tinham ido àquele laboratório e que saíram de lá mortos. Nunca vi ninguém ser morto; sabia apenas que alguns dos gémeos desapareciam. Mas acabei por saber que os rumores estavam certos, que havia gémeos a morrer por causa de algumas das experiências. Foi-nos dito que tinham ficado «muito doentes». Então, Mengele limitava-se a

substituí-los por novos pares de gémeos acabados de chegar nos comboios de transporte. Era assim que até os mais privilegiados prisioneiros de Auschwitz eram vistos. Nem os favoritos de Mengele eram tratados como humanos. Éramos substituíveis. Descartáveis.

O que não foi substituído foram os nossos bonitos vestidos a condizer, que ficaram tão gastos que já não podíamos vesti-los. Deram-nos roupas de mulher, mas eram demasiado grandes, pelo que Miriam e eu amarrámos cordéis à volta da cintura para os segurar. No cimo dos nossos vestidos, guardávamos o que quer que estivéssemos a transportar, como uma caneca de metal ou um naco de pão guardado da noite anterior.

De manhã, antes da chamada, e nos dias em que íamos para o laboratório de análises sanguíneas, ajudávamos a cuidar das crianças mais novas. Fora da nossa caserna, tínhamos um pátio vedado onde brincávamos com elas. As raparigas mais velhas ensinaram-nos a tricotar. Puxávamos bocados de arame farpado da vedação, batíamos com os fios contra uma pedra para soltar as farpas e arrancávamo-las. Demorava muito tempo. Depois, afiávamos as pontas do arame nalgumas pedras para fazer agulhas de tricô. Uma das gémeas tinha uma camisola velha que desfizemos, guardando o fio. As raparigas revezavam-se a tricotar até termos gastado todo o fio da camisola. Então, a pessoa seguinte desfazia o fio, e recomeçávamos tudo. Não tinha a ver com um produto acabado — um gorro, um cachecol ou umas meias. Tricotar afastava a nossa mente dos problemas.

Mas a morte e o perigo nunca andavam longe. Um dia, quando estávamos lá fora, uma carroça de cadáveres passou por nós. Corremos para a vedação, para ver se reconhecíamos algum dos corpos.

— Mãe! É a minha mãe! — gritou uma das raparigas, desatando a chorar. Soluçou, com a sua angústia a crescer até se transformar em uivos, enquanto a carroça seguia o seu caminho. Tive pena dela, mas não sabia o que dizer.

Nesse momento, percebi que talvez a nossa mãe tivesse também partido numa carroça de cadáveres; só que não a tínhamos visto. Todos os dias passavam carroças daquelas. Às vezes, os prisioneiros que iam nelas estavam mortos, outras, só a maioria; independentemente disso, estavam todos a ser levados para a sua última morada. Até então, tinha deixado de pensar na minha família. Talvez fosse devido ao pão que comíamos todas as noites e que supostamente continha não apenas serradura, mas um pó chamado brometo que nos fazia esquecer as memórias de casa, uma espécie de sedativo. Fosse isso ou não, não podia ter pena de mim, de Miriam, de ninguém. Não podia pensar em mim como uma vítima, ou sabia que pereceria. Era simples. Para mim, não havia espaço para qualquer pensamento a não ser a sobrevivência.

À noite, Miriam e eu ficávamos deitadas no nosso beliche com outros dois pares de gémeas. Aninhávamo-nos muito juntinhas, mas não falávamos nem sussurrávamos. Se eu tivesse dito a Miriam quão faminta e miserável me sentia, só teria piorado as coisas.

No escuro, ouvi um assobio, um carro ou uma mota a passar. Barulhos de marcha, gemidos, vômitos, latidos e choros pontuavam o silêncio do campo — uma orquestra que acompanhava a ubíqua miséria humana.

Por vezes, quando as nossas supervisoras estavam a dormir, a nossa velha amiga da aldeia vizinha, a Sra. Csengeri, esgueirava-se para a nossa caserna para ver as suas gémeas. Era uma mulher inteligente e perspicaz. Aquando da sua chegada a Auschwitz, convencera o Dr. Mengele de que podia ajudá-lo dando-lhe informação sobre as suas gémeas, pelo que fora autorizada a ficar na caserna das mulheres. A Sra. Csengeri trazia comida às filhas, e roupa interior e chapéus e coisas que roubara ou «organizara». «Organizar» era linguagem de campo para roubar aos nazis. Invejava aquelas raparigas por terem uma mãe que ainda estava viva e a cuidar delas; Miriam e eu tínhamo-nos apenas uma à outra.

Já não podia pensar na mãe nem no pai, nem nas nossas irmãs mais velhas. Tinha de me preocupar comigo e com Miriam. Tinha de

repetir para comigo, uma e outra vez:

Só mais um dia.

Só mais uma experiência.

Só mais uma injeção.

Por favor, por favor, não nos deixes ficar doentes.

CAPÍTULO SEIS

Num sábado de julho, marchámos até ao laboratório, onde me injetaram qualquer coisa que devia ser um germe. Só me injetaram a mim, não à minha gémea. Anos depois, Miriam e eu deduzimos que me escolheram a mim para a injeção, pois tinham observado que eu era mais forte.

Não estava era preparada para que essa injeção me deixasse doente. Durante a noite, tive febre alta. Tinha a cabeça a latejar. A minha pele, seca, ardia. O meu corpo tremia de tal modo que não conseguia adormecer, apesar do cansaço. Acordei a Miriam.

— Estou m-muito d-d-doente — sussurrei-lhe ao ouvido, entre o bater dos meus dentes.

Ela acordou de imediato, instantaneamente preocupada.

— O que fazemos? — perguntou.

— N-n-não sei — respondi. — V-v-vamos t-t-tentar esconder e fi-fi-fingir que eu estou b-b-bem.

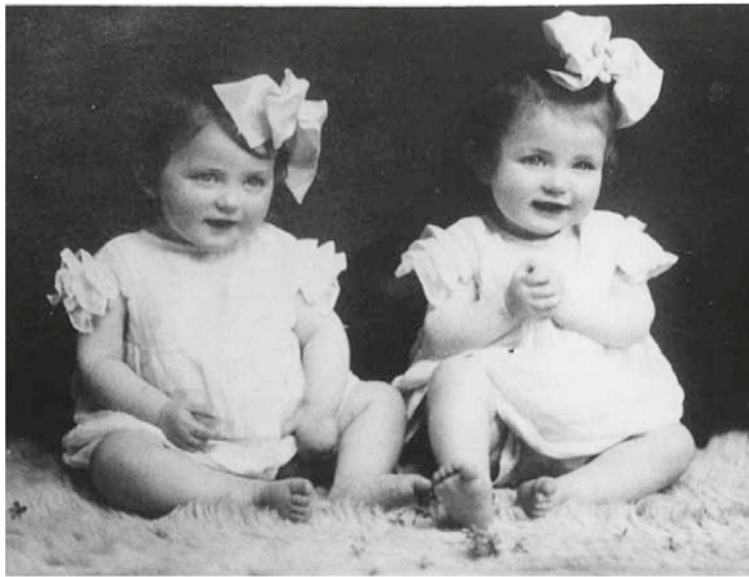
Na segunda de manhã, quando saímos para a chamada, estava muito tonta. Tinha os braços e as pernas cobertos de manchas vermelhas e inchados para o dobro do tamanho. Doíam-me tanto que pensava que ia irromper da minha pele. Tinha arrepios de frio. O sol aqueceu-me um pouco e tentei desesperadamente não tremer para que as *pflergerin*, as enfermeiras, não reparassem que eu estava doente. Não queria ser levada para a enfermaria. Por duas vezes, uma gémea da nossa caserna tinha ficado doente e fora levada para a enfermaria. Nunca voltavam. A gémea correspondente fora também levada dali e também não regressara. Presumimos que ambas as gémeas de cada par tinham sido mortas assim que uma delas ficara doente. Não podia deixar que isso acontecesse connosco. Porque havia Miriam de morrer só porque era possível que eu morresse?



1. Europa de Leste no início da Segunda Guerra Mundial.



2. A viagem de Eva.



3. Eva e Miriam Mozes, 1935.



4. Os pais de Eva, Alexander e Jaffa Mozes.



5. Fila de cima (da esquerda para a direita):
Aliz, pai, Edit e amiga Luci.
Meio: Eva, mãe, Miriam.
Em baixo: primo Shmulik.



6. De pé estão a prima Magda, a irmã Edit e a prima Aggi.
Deitadas na relva estão a prima Dvora e a irmã Aliz.
Todas as raparigas nesta fotografia morreram nos campos.



7. Portz, Transilvânia.



8. Entrada de Auschwitz. O sinal está escrito em alemão e traduz-se como: «O trabalho liberta.»



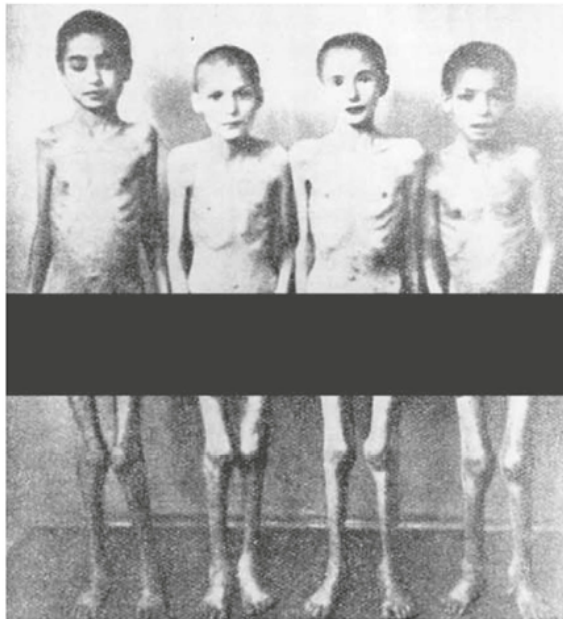
9. Plataforma de seleção de Auschwitz.



10. Auschwitz.



11. Dentro do campo.



12. Fotografia de gémeos no laboratório.



13. Josef Mengele.

PAŃSTWOWE MUZEUM
32-603 Oświęcim b

Der Lagerarzt des . 10. AUG. 1944. Birkenau, 8. August 1944
KL Auschwitz II.
(Frauenlager)

An das
Hygiene-Institut der Waffen- u. Polizei,
A u s c h w i t z.

Anbei wird Blutmaterial zur Untersuchung auf
Rest N, Na Cl., Takata-Ara, Vitamin C eingesandt:

76132 1. H. Nr. A 5131 Majek Judith
12. " 80912 Kohnstein Emilie.
43. " A 7736 Majek Salomon.
54. " A 5771 Molnar Maria
65. " A 6035 Moskowitz Helena
76. " A 3626 Weiss Olga
77. " A 7063 Mozes Eva
78. " A 7259 Neuschloss Judith
76148 9. " 80913 Kohnstein Gisele.

Der Lagerarzt des
KL Auschwitz-II.
// - Unters. *Musey*

213/44

To Whom It May Concern:

I, Werner L. Loewenstein, M.D., a physician educated in Germany, resident of Terre Haute, IN, located in Vigo County, have translated a document from The Camp Physician of The Concentration Camp Auschwitz II.

The Camp Physician
Concentration Camp Auschwitz II
(Women Camp) Birkenau, August 8, 1944

To The Hygienic Institute of The Army SS and Police,

A u s c h w i t z

Enclosed are blood samples for examination of Urea Nitrogen, Sodium Chloride, Takata-Ara, and Vitamin C.

A list of nine names follows-see attached document.

Signed by The Camp Physician
Concentration Camp Auschwitz II
Mengele (looks like Mengele's signature)
SS Sub Storm Leader

I certify that I have translated the above from the attached document, and that this is an accurate and true representation of what is contained therein.

Werner L. Loewenstein
Werner L. Loewenstein

State of Indiana
County of Vigo

Before me, the undersigned, a Notary Public in and for said County and State, this 18th day of April 1985 Werner L. Loewenstein personally appeared and acknowledged the execution of the above translation.

Witness my hand and Notarial Seal

Myron L. Russell
Resident of Vigo County

My Commission Expires
July 13, 1988

Mesmo antes do início da chamada, as sirenes antiaéreas emitiram um alto e penetrante aviso: íamos ser bombardeados. Com trémulo deleite, vi os guardas SS correrem em busca de abrigo enquanto um avião com a bandeira americana pintada numa das asas voava em círculos sobre o campo de concentração. Pensei para comigo: «Olhem para estes nazis, os rufias do mundo, a correr como gatinhos assustados!» Reconheci a bandeira das estrelas e das riscas, porque a nossa tia, a irmã do pai, vivia em Cleveland, no Ohio, e antes da guerra tinha-nos enviado cartas cujos selos exibiam a bandeira americana. Agora o avião voava baixinho e traçava um círculo de fumo amarelo sobre todo o campo. Mesmo naqueles dias, sabíamos que o avião não bombardearia dentro do círculo. Seguiram-se mais aviões e ouvimos bombas a explodir ao longe. Os aviões americanos davam-nos esperança. Significavam que a ajuda vinha a caminho. Um dia, em breve, seríamos libertados e poderíamos ir para casa — se conseguíssemos manter-nos vivos durante tempo suficiente. Batemos palmas; aqueles eram os nossos momentos de glória.

Mas na nossa visita seguinte ao laboratório, os médicos não se deram ao trabalho de me examinar. Chamaram o meu número e mediram-me a temperatura. Soube que estava metida em sarilhos. Imediatamente, duas *pflegerin* puseram-me numa espécie de carro ou jipe e levaram-me dali. Nem sequer pude ver a Miriam antes de ser levada. Era a primeira vez no campo que estávamos separadas. Mantermo-nos juntas, contarmos uma com a outra, ter outro ser humano com quem realmente nos preocuparmos impedira-nos a ambas de nos sentirmos tão sós.

As enfermeiras levaram-me para a enfermaria: o Edifício 21, uma caserna imunda perto da câmara de gás e das chaminés flamejantes. Um cheiro pútrido enchia o ar. Beliches de três andares continham pessoas que estavam já meio mortas. Fila após fila, formavam um mar de seres humanos a sofrer uma morte lenta. Eram todos adultos. À medida que eu passava, estendiam os seus dedos ossudos:

- Por favor!
- Água! Água!
- Comida! Por favor! Qualquer coisa...
- Socorro!

Pareciam estar todos a chorar, incapazes de se mexer. Parecia haver mais mãos estendidas do que podia haver pessoas. Lembro-me de ter lido sobre um Vale da Morte na Bíblia; a enfermaria parecia esse vale. Era o pior sítio onde alguma vez estivera.

Puseram-me num quarto com duas raparigas mais velhas, Vera e Tamara. Cada rapariga era a irmã de outro par de gémeas. Tinham varicela, por isso não estavam muito doentes. O nosso quarto era pequeno, mas partilhado apenas por nós as três — outro privilégio dos gémeos.

Nessa noite, a hora de jantar chegou e passou. Não recebemos qualquer ração alimentar.

— Porque não nos alimentam? — perguntei. — Devíamos receber pão.

— Ninguém aqui recebe nada para comer — disse Vera —, pois as pessoas são trazidas para aqui para morrer ou levadas daqui para morrer na câmara de gás.

— Não querem desperdiçar comida com os moribundos — acrescentou Tamara.

«Não posso morrer», disse a mim mesma.

«Não morrerei.»

Nessa noite, estava demasiado doente para ter fome. Custou-me dormir sem Miriam enroscada ao meu lado. No escuro, ouvi pessoas a gemer e a gritar de dor. Os gritos trespassavam-me. Nunca ouvira tantas vozes a uivar, a gritar e a berrar.

No dia seguinte, apareceu um camião. As pessoas mais doentes foram atiradas para a caixa do camião a fim de serem levadas diretamente para a câmara de gás. Gritaram e debateram-se quando algumas delas foram atiradas para cima de pessoas que já estavam mortas.

«Vou para a câmara de gás?», pensei. A câmara de gás estava sempre lá, ao lado do crematório que vomitava para o ar, a toda a nossa volta, o seu fedor a cabelo humano, a ossos e a carne queimados. A câmara de gás era uma possibilidade real para qualquer um de nós naquele campo — mas mais para aqueles que estavam na enfermaria. Os camiões apareciam duas vezes por semana. Soube, anos depois, que, mesmo antes de os corpos serem lançados para o crematório, um grupo de trabalhadores arrancava os dentes de ouro e removia quaisquer peças de joalharia. Todos os dias, os nazis arrancavam em média 35 quilos de ouro aos cadáveres. Alguém estava a enriquecer.

Na manhã seguinte à minha chegada, Mengele veio ver-me com uma equipa de quatro outros médicos. Discutiram o meu caso como se estivessem num hospital normal. Embora falassem alemão, entendi grande parte do que diziam. O Dr. Mengele riu-se e disse sobre mim, com um sorriso afetado:

— É pena. Tão nova e só tem duas semanas de vida.

«Como podia ele saber tal coisa?», pensei. Não me tinham feito mais exames após a injeção venenosa. Soube desde então que Mengele sabia qual era a doença com que me haviam infetado e de que forma iria progredir. Pode ter sido beribéri ou febre da carraça. Em todos os anos que passaram desde então, nunca descobri ao certo.

Enquanto jazia na cama a ouvir Mengele e os outros médicos, tentei não dar a entender que compreendia o significado das suas palavras. Disse para comigo: «Não estou morta. Recuso-me a morrer. Vou levar a melhor sobre estes médicos, provar que o Dr. Mengele está enganado e sair daqui viva.» Acima de tudo, sabia que tinha de voltar para Miriam.

Nesses primeiros dias, tive uma febre muito alta, mas ninguém me deu comida, medicamentos ou água. Limitaram-se a medir-me a temperatura. Tinha tanta sede, desesperada por água, e a boca tão seca que pensei que não conseguiria respirar por muito mais tempo.

Havia uma torneira ao fundo da caserna. Lembro-me de sair da cama, abrir a porta e rastejar pelo chão para chegar a essa torneira. O cimento áspero arranhou-me a pele, arrepiando-me a barriga. Estendi as mãos para a frente e arrastei o corpo sobre os quatro membros, esgueirando-me lentamente por aquele chão coberto de esterco e lama. Às vezes desmaiava, depois acordava e seguia em frente.

«Vou ficar bem», repetia constantemente.

«Tenho de viver. Tenho de sobreviver.»

A necessidade de chegar à água dominou-me. O mais estranho é que não me lembro de ter bebido a água. Devo tê-lo feito, pois não havia outra maneira de ter sobrevivido. Nem sequer me lembro de regressar ao meu beliche no quarto que partilhava com as outras raparigas. Mas todas as noites, durante duas semanas, arrastei-me até àquela torneira.

Após a minha primeira semana na enfermaria, Miriam descobriu que não me estava a ser dada qualquer comida. Foi a Sra. Csengeri, a nossa velha amiga, quem lhe disse. A Sra. Csengeri atuava como mensageira, esgueirando-se de caserna em caserna enquanto visitava as suas próprias gémeas. Miriam começou a guardar o seu pão para mim e a dá-lo à Sra. Csengeri para me entregar. Imaginem a força de vontade da Miriam, uma criança de dez anos a decidir não comer durante uma semana! Esse naco diário de pão enviado pela minha irmã gémea ajudou a salvar a minha vida e aumentou a minha determinação em juntar-me de novo a ela.

Passadas duas semanas, como um milagre, a minha febre baixou! Comecei a sentir-me mais forte. Uma noite, acordei e vi a silhueta da supervisora do nosso bloco: esguia, escura. De vez em quando, esgueirava-se para o nosso quarto durante a noite e dava-nos comida.

— Aqui tens um bocado de pão para ti — dizia baixinho, pondo-o na minha cama. — Se alguém descobrir, serei castigada.

Uma vez, até nos deu um pedaço do seu bolo de aniversário. Que mimo! Era tão bom, tão doce. Devorámo-lo, lambendo os dedos e depois o papel que continha o bolo. Mesmo em Auschwitz, algumas pessoas eram compassivas.

Quando me lembro desses dias, porém, não sei ao certo porque não me deu água quando eu estive tão doente nas primeiras duas semanas. Posso apenas imaginar que guardava os seus esforços para aqueles que pareciam em condições de sobreviver.

À medida que recuperava as forças, quis sair daquela enfermaria o mais depressa possível, mas ainda tinha febre. O Dr. Mengele e a sua equipa apareciam duas vezes por dia para ver a minha tabela de controlo da temperatura. Tinha de os convencer de que a minha temperatura estava a baixar para que pudesse ser mandada de volta para a caserna dos gémeos. Por isso, pensei num plano.

Vera e Tamara ensinaram-me a ler o termómetro. Quando a enfermeira, uma outra prisioneira, entrou e me pôs o termómetro debaixo do braço, disse-me que o mantivesse lá até que ela regressasse. Depois de ela sair do quarto, tirei o termómetro, li-o e sacudi-o um pouco. Então, pu-lo novamente na minha axila quase até ao fundo, deixando-o sair um pouco para que não registasse qualquer alteração. A enfermeira regressou, leu a minha temperatura e anotou-a. Tinha de ter muito cuidado e de fazer isto de forma gradual para que Mengele não desconfiasse da minha recuperação. O plano resultou! Três semanas depois, fui libertada.

Regressei alegremente para junto da minha irmã. Agora que estávamos juntas, sabia que ia ficar bem. Mas fiquei chocada com o aspeto de Miriam. Tinha um olhar vazio e ficava sentada a olhar para o espaço. Parecia fraca e sem vida.

— Que se passa? — perguntei-lhe. — Que aconteceu? Que te fizeram?

— Nada — respondeu Miriam. — Deixa-me em paz, Eva. Não posso falar sobre isso.

Sabia que a nossa separação tinha afetado gravemente Miriam. Pensara que eu não ia voltar; a ideia de ficar completamente

sozinha fizera-a perder a esperança. Em linguagem de campo, tornara-se uma *musselman*, uma morta-viva, alguém que já não tinha coragem para lutar pela vida.

Nas primeiras duas semanas em que estive ausente, Miriam não foi ao laboratório. Foi mantida em isolamento, permanentemente vigiada pelas SS. A princípio não sabia o que me estava a acontecer, mas a minha gémea deve ter sentido que estavam à espera de alguma coisa. Vendo que eu não morrera, como Mengele esperava, Miriam foi levada para o laboratório, onde lhe deram muitas injeções que a deixaram doente. Essas injeções viriam a impedir o crescimento dos seus rins, deixando-os do tamanho dos de uma criança de dez anos. Nunca descobri o propósito desta experiência realizada na minha irmã.

Soube, no entanto, que Mengele planeava que eu morresse da doença que me fora administrada. O Dr. Miklós Nyiszli, um prisioneiro e patologista judeu, escreveu e publicou um testemunho na primeira pessoa de como Mengele ordenava frequentemente aos patologistas que realizassem autópsias em gémeos que haviam morrido com poucas horas de diferença um do outro, uma oportunidade única para comparar os efeitos da doença em corpos saudáveis e doentes que eram idênticos na maioria dos outros aspetos. Se eu tivesse morrido na enfermaria, Miriam teria sido levada à pressa para o laboratório e morta com uma injeção de clorofórmio no coração. Autópsias simultâneas teriam comparado os meus órgãos doentes com os seus órgãos saudáveis.

Se os órgãos tivessem algum interesse científico, Mengele tê-los-ia examinado ele mesmo, enviando-os depois para o Instituto Antropológico, em Berlim-Dahlem, num pacote rotulado como «Material de Guerra — Urgente».

Mas eu, uma rapariga de dez anos, tinha triunfado sobre Mengele ao sobreviver à sua experiência. Cabia-me agora a mim ajudar a minha irmã gémea a melhorar. Não podia perdê-la. Era só isso. Conseguir fazê-lo era outra questão.

CAPÍTULO SETE

Em Auschwitz-Birkenau, nunca sabíamos o que o amanhã podia trazer. Cada dia trazia desafios a que tínhamos de sobreviver. Miriam estava muito doente, com algo mais do que a incessante diarreia da disenteria. Embora todos, eu incluída, tivessem disenteria, Miriam desistira da vontade de viver. Tinha de encontrar uma maneira de a ajudar a melhorar. Parte da razão por que ela estava tão doente eram as injeções que lhe haviam sido dadas durante a minha ausência.

Dizia-se no campo que as batatas fortaleciam e curavam a disenteria. Em Auschwitz, as pessoas «organizavam» aos nazis tudo aquilo de que precisavam para sobreviver. Os prisioneiros viam a organização como um ato vitorioso. O problema era que eu nunca tinha roubado nada na vida, a não ser uma coisa: uma caneca.

Uma vez, a caminho do duche, enquanto marchávamos numa fila de cinco, tínhamo-nos aproximado de uma pilha de tachos e frigideiras. Esgueirei-me do meu lugar no meio da fila para o exterior. Dei um salto, agarrei numa caneca, enfiei-a no topo solto do meu vestido e continuei a marchar como se nada tivesse acontecido. Se o guarda SS que nos acompanhava me viu, não disse nada.

Corria o rumor de que quem fosse apanhado a roubar seria enforcado, tal como aqueles que tentavam fugir. Já antes os nazis nos tinham feito assistir a esses enforcamentos, dizendo-nos que olhássemos com atenção, que era aquilo que nos aconteceria se roubássemos ou tentássemos fugir. Lembro-me de ter pensado: «Sim, a vida é mesmo maravilhosa aqui. Por que raio haveríamos de tentar fugir?» Decidi encontrar uma maneira de arranjar algumas batatas para ajudar a Miriam a ficar bem. Não sabia o que me aconteceria se me atrevesse a roubar batatas, mas sabia que podia ser a morte. Um patíbulo, a estrutura de madeira utilizada para enforcar pessoas, erguia-se à frente do Bloco 11. Mesmo que fosse

isso que me esperava caso fosse apanhada, por Miriam, o risco era imperioso. Não podia deixar Miriam morrer.

Outras gémeas da nossa caserna cozinhavam batatas à noite, por isso perguntei-lhes onde podia arranjar algumas. Disseram-me que o único sítio para arranjar batatas era a cozinha, por isso voluntariei-me para transportar comida. Isso significava que seria uma das duas crianças que carregavam a sopa num enorme contentor do tamanho de um caixote do lixo de 110 litros da cozinha, ao fundo do campo, até à nossa caserna. Demorei 20 minutos a chegar lá; carregar a pesada lata cheia levou-nos ainda mais tempo. Da primeira vez que me ofereci, não fui escolhida. No dia seguinte, voltei a voluntariar-me e fui escolhida, juntamente com outra gémea, para ir buscar a sopa diária, um líquido aquoso que às vezes continha um pedaço de batata.

Mal entrei na cozinha, vi uma longa mesa de metal com tachos e frigideiras. Por baixo, vi dois sacos de batatas. Por um momento, hesitei. Se fosse apanhada, podia morrer, mas se não tentasse, Miriam morreria.

Baixei-me e olhei em volta para ver se alguém estava a vigiar-me. Com o coração a bater com tanta força que o sentia nos canais auditivos, meti a mão no saco e tirei duas batatas. Alguém me agarrou pela cabeça e puxou-me para cima. Era a funcionária da cozinha, uma prisioneira gorda com um lenço às riscas na cabeça.

— Não podes fazer isso! — gritou junto à minha cara.

— Fazer o quê, senhora?

Tinha os olhos arregalados de falsa inocência.

— Não é bonito roubar. Põe isso no sítio.

Pus as batatas de novo no saco. Estava à espera de ser imediatamente arrastada para a forca, mas tal não aconteceu. Quase desatei a rir-me de alívio quando percebi que o meu único castigo seria aquela repreensão. Acabava de descobrir que ser um dos gémeos de Mengele significava que ninguém se atrevia a magoar-nos deliberadamente enquanto Mengele nos quisesse vivos. Precisava de nós para prosseguir com as suas experiências.

Mas tinha ainda a preocupação de que a funcionária da cozinha denunciasse a minha tentativa de crime à

blocova, a supervisora do nosso bloco, e que não voltassem a deixar-me transportar comida. No dia seguinte, porém, ofereci-me como voluntária e voltei a ser escolhida.

Desta vez, foi mais fácil organizar batatas sem ser apanhada. Estava muito menos nervosa, pois sabia que o pior que me podia acontecer era um sermão.

Quando cheguei aos sacos, tirei rapidamente três batatas de debaixo da mesa e escondi-as no meu vestido. Daquela vez, ninguém viu. Sucesso! Essa pequena reserva de batatas era um dos maiores tesouros que eu alguma vez tivera. Mal podia *esperar* pela chegada da noite.

Quaisquer atividades secretas, como cozinhar, tinham de ser realizadas à noite, depois de a *blocova* e a sua supervisora adjunta terem ido dormir nos seus pequenos quartos na frente da caserna. Uma das gémeas trouxera alguns pedaços de carvão que organizara durante o dia. Tínhamos um forno ao fundo do banco de tijolo que atravessava o meio da caserna, e fazíamos lá dentro uma pequena fogueira. Alguém ficava de guarda à porta fechada da *blocova*, não fosse ela acordar. Outras raparigas ficavam à entrada da caserna e faziam sinais batendo com os pés caso alguém se aproximasse. Às escuras, revezávamo-nos a cozinhar.

Usei a minha própria panela e cozi as minhas batatas — cascas, manchas, terra e tudo! Então, Miriam e eu tivemos o nosso banquete. Comemos as batatas sem sal nem manteiga, mas souberam-nos deliciosamente. Encheram-nos de calor e elevaram-nos o espírito. Teria dado toda a comida a Miriam, mas estava esfomeada e precisava de forças para cuidar das duas.

A partir daí, todos os dias me voluntariava para carregar a tina de sopa, embora só fosse escolhida talvez uma ou duas vezes por semana. Mas cada vez me tornava melhor a organizar. Levava sempre mais batatas do que as de que precisávamos para aquele

dia. Fruto disso, Miriam e eu geralmente comíamos batatas três vezes por semana.

Às vezes, a Sra. Csengeri esgueirava-se para a nossa caserna à noite e cozinhava as batatas que organizara para as filhas gémeas. Assim que uma pessoa acabava de cozinhar, outra ocupava o seu lugar ao pé do forno. Formávamos uma pequena brigada e tínhamos sempre pessoas de guarda para garantir que não éramos apanhadas.

Todas conheciam o sistema e as regras. Apesar de toda a gente estar pele e osso, com a fome a lembrar-nos que ainda estávamos vivas, não tentávamos roubar a comida umas das outras.

As batatas que trouxe à Miriam funcionaram como um medicamento. Ficou mais saudável, mais forte e disposta a lutar pela própria vida. Posso dizer, e não teria magoado os seus sentimentos, que, se não fosse por mim, a minha irmã teria morrido nessa altura.

E que, por sua vez, cuidar de Miriam me ajudara também a tornar-me mais robusta e assertiva. Porque éramos gémeas, agarrávamo-nos uma à outra. Porque éramos irmãs, dependíamos uma da outra. Por sermos família, não nos deixávamos ir.

Em Auschwitz, morrer era muito fácil. Sobreviver era um trabalho a tempo inteiro.

CAPÍTULO OITO

À medida que o verão de 1944 se foi transformando em outono, as coisas começaram a mudar. Cada vez mais aviões rugiam sobre as nossas cabeças, bombardeando quartéis-generais e fábricas nazis. Por vezes, havia dois ou três ataques aéreos por dia. Embora não tivéssemos rádio nem notícias, percebíamos que os bons vinham aí para nos libertar. Tinha de nos manter vivas até à sua chegada. A vida da minha irmã gémea era a minha missão e responsabilidade. Mas as condições no campo não estavam melhores. Em alguns aspetos, tinham piorado.

Durante a noite do dia 7 de outubro, o som de uma enorme explosão acordou-nos. As sirenes uivavam.

Os cães ladravam. Que estaria a acontecer? Soubemos mais tarde que os judeus do *Sonderkommando* (prisioneiros obrigados a queimar os cadáveres de outros prisioneiros) se tinham revoltado e rebentado com o Crematório IV de Birkenau. Tinham usado explosivos contrabandeados por um grupo de raparigas judias que trabalhavam na fábrica nazi de explosivos. Os homens do *Sonderkommando* tinham decidido que preferiam morrer a lutar do que na câmara de gás. Queriam vingar as mortes de familiares e amigos.

Circulavam rumores de que, quando as Forças Aliadas — os exércitos estado-unidense, britânico e soviético — se aproximassem, as SS matariam toda a gente no campo. Apesar disso, o Dr. Mengele prosseguiu com as suas experiências, ainda na esperança de fazer uma importante descoberta científica.

Nessa altura, não sabíamos que o Dr. Mengele tinha recebido ordens do alto comando nazi para «liquidar» o campo de ciganos, composto por mais de dois mil prisioneiros, maioritariamente mulheres e crianças. Embora Mengele tivesse tentado preservar os ciganos para a sua pesquisa, obedeceu às ordens. Foram levados para as câmaras de gás para ser mortos e depois incinerados.

Miriam e eu e todos os gémeos da nossa caserna fomos levados do nosso campo para o agora vazio campo dos ciganos. Os prisioneiros tinham deixado para trás cobertores e pinturas coloridas nas paredes. Não sabíamos porque é que os nazis nos tinham transferido para o campo deles. Era perto de uma câmara de gás e de um crematório, e espalhou-se o rumor de que seríamos os próximos a ser gaseados.

Nesse primeiro dia, estivemos lá fora ao frio para a chamada, com retalhos de neve a cobrir o solo, entre as cinco da manhã e as quatro da tarde. Foi a chamada mais longa por que alguma vez passámos, porque faltava um prisioneiro. Os cheiros do crematório eram densos no ar, misturando-se com o frio e com o nevoeiro. Tinha os pés gelados, tal como a minha irmã. Nunca soubemos para onde o prisioneiro fugiu.

Nas semanas seguintes, ficámos no campo dos ciganos, vivendo à sombra do crematório com o constante receio de sermos mortos. Nunca soubemos porque é que isso não aconteceu. Talvez tenhamos sido salvos por ordens de Berlim para que se parasse de gasear os judeus. Por essa altura, os nazis devem ter sabido que estavam a perder a guerra. Talvez quisessem esconder as provas das suas atrocidades.

Então, no início de janeiro de 1945, as SS começaram a mandar as pessoas sair das casernas para partirem em marchas forçadas.

— *Raus! Raus!* Fora! Fora! — gritavam. — Todos lá para fora! Vamos levar-vos daqui para vossa proteção.

Ouvimos dizer que milhares de pessoas estavam agora a ser conduzidas mais para o interior da Alemanha.

— Não vou sair da caserna — disse eu a Miriam. — Não vou em marcha nenhuma.

Pensei que, se os nazis não tinham sido particularmente simpáticos connosco quando estavam a vencer a guerra, não seriam certamente melhores agora que estavam a perdê-la. Ficámos.

Para minha surpresa, ninguém veio buscar-nos. Os nazis estavam com tanta pressa para tirar toda a gente dali que não se deram ao trabalho de verificar todas as casernas. Alguns dos gémeos ficaram connosco, incluindo a Sra. Csengeri e as suas filhas. Na altura, não sabia quantas pessoas tinham também decidido ficar para trás.

Na manhã seguinte, acordámos e percebemos que tínhamos faltado à chamada. Descobrimos que os nazis haviam partido... ou pelo menos era isso que parecia. Não vimos guardas, nem SS, nem o Dr. Mengele.

A alegria e a felicidade que sentimos! Os nazis tinham partido! Agora estávamos por nossa conta. Passava o tempo a tentar encontrar comida, água e cobertores para nos manter vivos.

Um dos prisioneiros do lado dos homens tinha aberto um buraco no arame farpado para podermos passar de um campo para o outro. Fui com duas outras raparigas procurar coisas, vagueando de área em área. Precisava muito de sapatos. Ainda estava a usar os de casa que trazia calçados quando chegara a Auschwitz. As solas estavam sempre a abrir-se. Amarrei-os com um cordel, mas continuava a ser bastante difícil andar. Os sapatos de Miriam estavam em melhor estado, pois ela ficava na caserna a guardar os nossos poucos pertences sempre que eu saía para organizar.

As raparigas e eu fomos ao sítio onde os nazis guardavam todas as roupas, sapatos e cobertores que tinham tirado aos prisioneiros. Era um enorme edifício a que os nazis chamavam «Canadá», talvez porque viam esse país como um lugar de abundância. Pilhas de pertences erguiam-se até ao teto. Vasculhei entre sapatos atrás de sapatos, mas não consegui encontrar nenhuns que me servissem, e acabei por escolher um par dois tamanhos acima do meu. Enchi as zonas dos dedos com alguns farrapos e amarrei-os com cordel. Ao menos agora tinha os pés quentes. Peguei em alguns casacos e cobertores para nós e levei-os de volta à caserna, e embrulhámo-nos.

Uma tarde, fui até à cozinha organizar comida. Um par de rapazes e alguns adultos que tinham ficado para trás estavam já lá a tirar pão.

Com quatro ou cinco pães nos braços, ouvi o estranho som de um carro.

«Os nazis foram-se embora, então de quem é o carro que aí vem?», perguntei a mim mesma.

Corremos lá para fora para ver. Era um carro semelhante a um jipe, e quatro nazis com metralhadoras saltaram lá de dentro, começando a disparar em todas as direções.

Lembro-me de ver o cano de uma arma apontado à minha cabeça, a cerca de um metro de distância, e depois desmaiei.

Quando acordei, pensei que estava morta. Via corpos a toda a minha volta.

«Muito bem. Estamos todos mortos», pensei. Mexi os braços. Depois, as pernas. Toquei na pessoa ao meu lado, mas não houve movimento. Tinha o corpo frio. A-hã! *Ela* estava morta, mas eu estava viva!

Levantei-me, grata por estar viva. Penso que deve ter sido um anjo da guarda que me fez desmaiar antes que as balas me atingissem, pois não tive tempo para pensar nem para fazer fosse o que fosse para me salvar.

Corri de volta à caserna.

— Miriam? — chamei, quando entrei a correr.

Lá estava ela.

— Que aconteceu? — perguntou, de olhos arregalados pelo medo.

— Os nazis voltaram! — disse eu. — Pergunto-me porque terão voltado — acrescentei. — Quase me mataram! — Contei-lhe o que acontecera e quão aterrorizada me sentira. — Não temos pão. Estava tão assustada que me limitei a fugir para salvar a vida.

— Oh, Eva — disse ela —, e se tivesses sido morta?

Não falámos mais sobre esse «e se». Limitámo-nos a abraçar-nos durante muito tempo.

Nessa mesma noite, fomos acordadas pelo fumo e pelo calor. Chamas desciam do telhado. Podíamos sentir o calor abrasador das labaredas pelas paredes da caserna. A caserna estava a arder! Pegámos nas nossas coisas e corremos para o exterior. Os nazis estavam de regresso ao campo e já não estavam escondidos, provavelmente tentando destruir as provas dos seus crimes.

As chamas tingiam os céus de vermelho até onde a nossa vista alcançava. Guardas SS tinham rebentado com o crematório e com o edifício chamado Canadá. Camisas e vestidos voavam pelo ar entre as fagulhas e as cinzas. Os Aliados estavam a atacar e as bombas iluminavam o céu. Era como se todo o mundo estivesse a arder.

Milhares de pessoas irromperam das filas e filas de casernas. Os mesmos guardas SS que eu vira na cozinha alinharam-nos para a marcha.

— Quem não marchar depressa, será abatido! — gritou um guarda. E disparou ao acaso para a multidão como aviso.

— Miriam, fica comigo — sussurrei.

Não sabíamos para onde íamos. Apertei-lhe a mão com muita força. Abrimos caminho até ao meio do grupo. Era mais seguro do que estar na frente ou na retaguarda, onde podíamos chamar a atenção. Se comesçassem a disparar, estaríamos rodeadas de outras pessoas.

A multidão arrastou-nos consigo. Empurradas e sacudidas pela grande mole, era difícil mantermo-nos no meio. Os guardas SS continuavam a disparar ao acaso enquanto nos conduziam. À nossa volta, à medida que os corpos caíam ao chão, o nosso medo aumentava. Todas as crianças e pessoas mais velhas que não haviam sido levadas nas marchas anteriores estavam nesta marcha. Soubemos mais tarde que 8200 pessoas, incluindo nós, saíram de Birkenau nessa noite. Numa hora, 1200 foram mortas pelo caminho. Só 7000 chegaram às casernas.

Empurradas pela onda da multidão, chegámos finalmente de novo às casernas de Auschwitz. Ainda era noite cerrada, mas os edifícios de tijolo brilhavam com as luzes *klieg*. Sem saber o que

aconteceria a seguir, as pessoas começaram a fazer força, empurrando-se para entrar no edifício de dois andares. Miriam e eu também corremos para essas casernas em busca de abrigo.

Os guardas SS desapareceram inexplicavelmente.

E, não sei como, não me lembro de como aconteceu, mas, de alguma forma, no meio da confusão, perdi a minha irmã gêmea.

— Miriam? — chamei. — Miriam! Miriam! Onde estás?

Dei voltas e voltas. Não estava ali. Não estava em lado nenhum!

À medida que fui sendo tomada pelo pânico, o coração palpitava-me no peito, a respiração saía-me em curtas explosões, tinha o rosto a arder apesar do frio. Os meus olhos, dardejando de um lado para o outro, encheram-se de lágrimas assustadas.

«E se a Miriam acaba noutra caserna?», pensei.

«E se a transportam para outro sítio?»

«E se se magoa?»

«E se morre? Quem se lembraria de me dizer?»

«E se eu nunca mais a vejo?»

Saí do edifício de dois andares e, meio a andar, meio a correr, fui de caserna em caserna, chamando o seu nome.

— Miriam! MIRIAM! MI-RI-AM!

Perguntei a todos e a cada um se tinham visto uma rapariga igualzinha a mim.

— Chama-se Miriam — disse-lhes —, Miriam Mozes. Por favor, por favor. Viram uma rapariga chamada Miriam?

Algumas pessoas bondosas devem ter visto o meu desespero, o meu pânico. Ajudaram juntando-se a mim, gritando o seu nome:

— Miriam Mozes! Miriam Mozes!

Mas, onde quer que eu fosse, onde quer que procurasse, por mais alto que gritasse, não conseguia encontrá-la.

Passado algum tempo, e sem que Miriam respondesse, as pessoas deixaram de me ajudar a procurar.

— Continua a procurar — incentivaram-me, com a compaixão no olhar e o seu próprio cansaço a deixar-lhes os corpos moles. — Tem de estar aqui algures.

— Miriam! Miriam!

Não passavam trinta segundos sem que eu gritasse o seu nome.

Embora visse pena e preocupação no olhar de algumas pessoas, outras não se importavam, não estavam para se incomodar. Muitas delas estavam cansadas e não lhes sobrava nem um pinga de preocupação para mais ninguém.

— Estás à procura da tua irmã? Grande coisa! Eu não tenho ninguém.

Queria gritar-lhes que a Miriam era mais do que uma irmã. Era o meu outro eu. A nossa sobrevivência dependia uma da outra! Não podia parar para pensar nessas almas desesperadas. Tinha de a encontrar. Tinha de o fazer.

Continuei à procura.

— Miriam! Miriam! — gritei, com a voz cada vez mais rouca, mais ténue.

Estava faminta e cansada. Mas não me permiti sentar-me para descansar. Não parei. Aterrorizada, fui de edifício em edifício, incapaz de desistir da minha busca. Tanta gente emaciada, com as finas vestes da prisão a cobrir-lhes os corpos miseráveis, bloqueando-me a visão para onde quer que olhasse. Pareciam estar ali tantas outras pessoas! Pareciam-me todas iguais, pois não eram a Miriam. O que podia ter-lhe acontecido? Num rápido instante, enquanto corríamos para a segurança, tínhamos sido separadas! O que tínhamos feito? Prossegui.

Arrastando as pernas para a frente, balançando os braços para me manter em movimento, não me permiti pensar na fome, nas dores que sentia na barriga, na secura que me colava a língua ao céu da boca. Nada disso importava.

— Miriam! Miriam Mozes! Miriam!

Horas e horas, minutos e minutos, segundos e segundos — todos amontoados uns nos outros no meu pânico. Há vinte e quatro horas que a procurava. Ela não podia ter desaparecido. Não a Miriam! Recusava-me a aceitar. Onde estaria?

Andava por ali aos tropeções, num quase estupor de desespero e exaustão, quando passei por outra porta.

— Miriam! Miriam Mozes! Miri...

Choquei contra alguém mais ou menos da minha altura.

— Desculpe!

Estava prestes a passar pela pessoa quando percebi: era a Miriam.

— Miriam! MIRIAM! — Caí-lhe nos braços. Ela caiu nos meus. — Onde estavas? Tenho andado à procura, à procura, à procura! Que aconteceu?

— Tenho andado à *tua* procura! — insistiu ela. — Que te aconteceu a ti?

Abraçámo-nos, beijámo-nos. Agarradas uma à outra, deslizámos ambas para o chão, para descansar, chorando e abraçadas uma à outra.

— Eva, onde estavas? — perguntou-me ela por entre as lágrimas. — Cometemos um erro tão grande ao correr. Pensei que nunca mais voltaria a ver-te.

— Não. Não podia pensar muito nisso. Tinha de te encontrar! — insisti. Então admiti-lhe a verdade. — Estava desesperada.

Afundi-me nos seus braços, sentindo-me como se fosse Hanukkah. Era um milagre!

Tive a mais forte sensação de alívio e de amor que alguma vez sentira em toda a minha vida. Afastei-me para lhe olhar para o rosto descarnado e envolvi-a de novo nos meus braços, abraçando-a com força. Aquelas 24 horas de busca tinham-me parecido uma eternidade. Quanto mais me agarrava a ela, mais certeza tinha de que nunca mais voltaríamos a separar-nos.

— Estou tão feliz por te ter encontrado — disse, com mais emoção do que a que podia expressar.

Miriam estendeu a mão.

— Olha! — disse ela. Estendia um pedaço de chocolate. — Deram-me isto quando andava à tua procura.

Arregalei os olhos. Ela ofereceu-mo.

Parti-o ao meio e saboreámo-lo, no mais doce dos momentos.

— A partir de agora, agarra-te sempre à minha mão — disse eu.

— Nunca me soltes.

Miriam concordou.

— Sim, não devemos voltar a separar-nos.

— Esta é a nossa caserna da sorte! — exclamei.

— Então vamos dormir uma sesta — sugeriu Miriam, afundando-se mais contra a parede. — Estou muito cansada.

Com as nossas mãos firmemente entrelaçadas e os corpos próximos para nos dar conforto, fechámos os nossos olhos cansados. Independentemente do que acontecesse a seguir, sabíamos que nos tínhamos uma à outra.

CAPÍTULO NOVE

Ao longo dos nove dias seguintes, Miriam e eu estivemos por nossa conta, cuidando de nós mesmas tal como todos os outros. Ficámos na nossa caserna da sorte com outros pares de gémeos e mulheres adultas. A minha tarefa diária era encontrar comida para Miriam e para mim. Os pés de Miriam estavam queimados pelo frio, devido àquela longa chamada no campo dos ciganos, por isso ela ficava a proteger os nossos cobertores e tigelas enquanto eu ia organizar com outras duas raparigas.

As raparigas e eu invadimos armazéns nazis e edifícios onde os guardas SS tinham vivido. Em duas ocasiões, entrámos no quartel-general nazi, uma boa casa com bons móveis. Antes disso, não sabia da existência de um sítio daqueles. Uma vida de luxo, mesmo no meio de um campo de extermínio nazi.

Vimos comida na mesa que parecia terrivelmente boa. Parecia acabada de fazer, deliciosa! Na verdade, parecia demasiado boa. Perguntei cá comigo porque haveriam os nazis de deixar para trás comida tão boa. Teria algo de errado? Levada pela fome, tirei alguma. Mas, mesmo antes de a comer, parei e pu-la no sítio. Falei mais tarde com gente do campo que me disse que os nazis tinham propositadamente deixado comida envenenada para que prisioneiros como eu a comessem e morressem.

Numa outra ocasião, as raparigas e eu encontrámos enormes contentores de chucrute. Comêmo-lo e, uma vez que não tínhamos água para beber e não havia neve no chão para derreter, bebemos o líquido do chucrute. Na cozinha, pegámos em pães. Foi um festim para nós.

Por esta altura, éramos hábeis a rapinar fosse o que fosse que se pudesse comer. Tinha organizado um lenço, que se tornou na nossa ferramenta mais valiosa. Numa cave, deparámos com um enorme monte de farinha. Estendi o lenço quadrado e enchi-o de farinha. De volta à caserna, misturámos a farinha com algum líquido e fizemos

um bolo em cima do fogão. Era como o pão ázimo que os judeus tinham comido quando, segundo a Bíblia, tinham tido de sair do Egito à pressa, sem tempo para deixar o pão levedar. Eram *matzoh* da Páscoa à moda do campo de concentração.

Continuávamos a ter muito pouca comida. Lembro-me de olhar para a minha irmã e de pensar: «É como um esqueleto. Terei também esse aspeto?» Sempre que encontrávamos alguma coisa, devorávamo-la até desaparecer. Restos eram algo que não existia. Na altura, não sabíamos que comer até nos fartarmos na nossa condição faminta era perigoso. Algumas raparigas ficavam inchadas e uma das minhas melhores amigas de organização morreu por comer mais do que devia.

Uma manhã, saí com outro par de gémeas e fomos até ao rio Vístula, que não ficava longe do campo. Armadas com um par de garrafas e vasilhas, planeávamos partir o gelo, submergir as garrafas e enchê-las de água fresca.

De pé na margem do rio, vi uma rapariga da minha idade do outro lado. Tinha o cabelo entrançado e usava um bonito vestido limpo e um casaco. Trazia uma mochila às costas, por isso soube que ia para a escola.

Paralisei. Não podia acreditar que ainda havia um mundo lá fora onde as pessoas estavam limpas e as raparigas usavam tranças com fitas e vestidos bonitos e iam à escola! Fora em tempos aquela rapariga com roupas bonitas e fitas no cabelo a caminho da escola. Até àquele momento, pensara que toda a gente estava num campo de concentração como nós. Mas percebi então que não era verdade.

A rapariga olhou para mim. Baixei os olhos e olhei para mim mesma, com roupas esfarrapadas repletas de piolhos e um casaco e uns sapatos vários tamanhos acima do meu. Tinha fome e andava à procura de comida e de água. Não sei o que ela pensou, mas quando olhei novamente para cima, pude sentir o fogo da raiva a erguer-se dentro de mim. Senti-me traída. Miriam e eu não tínhamos feito nada de mal! Éramos apenas raparigas como ela. Porque

estávamos nesta situação enquanto ela estava ali, com um ar tão bonito e limpo e a viver uma vida perfeitamente normal? Para mim, era errado, inconcebível. Mas ali estava ela. E ali estava eu.

Após o que me pareceu uma eternidade, ela puxou a mochila para cima e afastou-se.

Fiquei a olhar para ela, a vê-la partir, e depois a olhar para o espaço vazio onde ela estivera. Não entendia. Não conseguia entender.

Senti então um ronco no estômago, lembrando-me da fome e da sede que tinha. Encontrei um pau grosso e espetei-o furiosamente contra a superfície do rio gelado, fazendo-a estalar até fazer um buraco suficientemente grande. Baixei a garrafa para o rio gelado, virei-a ligeiramente de lado e vi as bolhas de ar escapar à medida que se enchia com a água límpida do rio. A imagem da rapariga ficou-me na cabeça — tal como todas as minhas perguntas sobre o mundo exterior.

Quando acabámos de recolher toda a água que as nossas garrafas podiam conter, as gémeas e eu regressámos ao campo. Uma vez lá, fizemos uma pequena fogueira e fervemos a água para matar quaisquer germes. Embora tenhamos feito a viagem até ao rio mais algumas vezes, nunca mais voltei a ver a rapariga.

Não podíamos sair do campo porque havia batalhas a toda a nossa volta. Era perigoso vaguear pelo exterior. As armas disparavam indiscriminadamente e atingiam quem quer que encontrassem pelo caminho. Estávamos no meio de um campo de batalha. No barulho e na confusão lá de fora, aprendemos a esquivar-nos ao *rá-tá-tá-tá* do fogo das metralhadoras. Se ouvíssemos um certo zunido, tínhamos de nos abrigar, pois vinha uma bomba na nossa direção. Rajadas de tiros reluziam e estalavam vindas dos abrigos onde as SS tinham ido esconder-se depois de nos terem largado nas casernas.

Ao longo desses dias, espalharam-se rumores de que todo o campo ia ser destruído à bomba — as casernas, as câmaras de gás e o crematório — para encobrir as provas dos crimes nazis. As SS

obrigaram 60 mil prisioneiros a partir numa marcha da morte. Miriam e eu e muitos dos gémeos ficámos amontoados na nossa caserna da sorte. Milhares de outros prisioneiros, demasiado velhos e doentes para marchar, ficaram também.

Soube mais tarde, pelo relato de uma testemunha ocular, que, na noite de 18 de janeiro de 1945, o Dr. Mengele fez uma última visita ao laboratório onde tantas vezes os gémeos tinham sido medidos, injetados, cortados e sangrados. Levou duas caixas de papéis com registos dos cerca de 3000 gémeos nos quais fizera experiências em Auschwitz, meteu-os no carro que o aguardava e partiu para se juntar a um grupo de soldados nazis em fuga.

Durante uns nove dias, ouvimos tiros e bombardeamentos constantes. O *bum-bum-bum* do fogo de artilharia fazia chocalhar as janelas da nossa caserna. Entre os adultos, dizia-se que em breve seríamos libertados. Libertação. Miriam e eu não sabíamos o que isso significava. Escondemo-nos lá dentro e esperámos.

Na manhã do dia 27 de janeiro, o ruído parou. Pela primeira vez em semanas, estava tudo em absoluto silêncio. Esperávamos que fosse aquilo a libertação, mas não fazíamos ideia de como seria. Todos na caserna se amontoaram às janelas.

Nevava fortemente. Até hoje, só me lembro de o campo ser cinzento — os edifícios, as ruas, as roupas, as pessoas —, tudo sujo e cinzento. Na minha cabeça, um constante manto de fumo pairava sobre o campo.

Nesse dia, algures ao fim da tarde, talvez por volta das três ou quatro horas, uma mulher correu para a frente da caserna e começou a gritar.

— Estamos livres! Estamos livres! Estamos livres!

Livres? O que queria ela dizer?

Correram todos para a porta. Eu fiquei no degrau de cima, com enormes flocos de neve a cair-me em cima. Não conseguia ver nada a poucos metros de distância. Nevara o dia todo e o cinzento-sujo de Auschwitz estava agora coberto por um manto branco de neve.

— Não vês alguém a aproximar-se? — perguntou uma rapariga mais velha.

Continuei a olhar para a neve rodopiante.

— Não... — respondi, a semicerrar os olhos.

Foi então que os vi.

A cerca de meia dúzia de metros, vimos soldados soviéticos a emergir da neve, aproximando-se de nós com capas e fatos cobertos de neve. Não falaram enquanto a atravessavam.

À medida que se aproximavam, pareceu-nos que sorriam. Seriam sorrisos ou esgares? Olhei com atenção. Sim, eram sorrisos. Sorrisos verdadeiros. Alegria e esperança brotaram de dentro de nós. Estávamos salvos. Estávamos livres!

Chorando e rindo, corremos para os soldados, rodeando-os.

Ergueu-se um grito da multidão.

— Estamos livres! Estamos livres!

Houve risos e gritos de alívio, todos misturados num emaranhado de sons de celebração.

Rindo também, alguns deles com lágrimas nos olhos sorridentes, os soldados soviéticos corresponderam aos nossos abraços. Deram-nos bolachas e chocolate — deliciosos!

Foi o nosso primeiro gosto da liberdade. E percebi que o juramento silencioso que fizera na primeira noite na latrina, de sobreviver e sair do campo viva e com Miriam a meu lado, se tinha tornado realidade.

CAPÍTULO DEZ

Abracei-me ao pescoço de um soldado soviético e ele pegou-me ao colo. Agarrei-me a ele, com Miriam mesmo ao meu lado. Todos trocavam abraços e beijos e gritos: «Estamos livres!»

Nessa noite, os soldados continuaram a festa na caserna. Dançaram com as mulheres e partilharam vodca com os homens diretamente das garrafas. Todos riam e cantavam. Havia música: as pessoas tocavam tambores artesanais batendo com colheres em latas de comida, e alguém tocava acordeão. Algumas das crianças juntaram-se à dança, saltando para cima e para baixo no chão, nos beliches, em cima dos adultos. Nunca vira tanta folia, principalmente no nosso campo de extermínio.

Miriam e eu ficámos alegremente sentadas no nosso beliche, assistindo e desfrutando da cena de rara alegria e contentamento. Que visão de loucos. Era a pura alegria humana de se estar vivo.

— Estamos livres! — observei em voz alta, acenando ao compasso da música.

— Sim. Acabaram-se as terríveis *pflegerin*!

— Acabou-se o *Heil, Doktor Mengele*!

— Acabaram-se as experiências!

— Acabaram-se as injeções nos braços!

— Acabaram-se os enforcamentos.

— Acabou...

Era uma competição para enumerar tudo aquilo de que *não* sentiríamos falta agora que estávamos livres.

— Podemos fazer o que quisermos! — disse Miriam, com a satisfação a encher-lhe o rosto minúsculo.

As suas palavras travaram-me bruscamente. *Podemos fazer o que quisermos*.

Via as pessoas a celebrar, mas não as via realmente. Ouvia a música e o canto, mas não estava realmente a ouvir.

Podemos fazer o que quisermos. Tudo aquilo que quisermos. Estamos livres.

As memórias de casa encheram-me os olhos. Os sons da quinta ecoaram-me nos ouvidos: cortar lenha, o cacarejar das galinhas, o mugido das vacas. O cheiro a fruta madura nos pomares encheu-me o nariz. Não faço ideia de quanto tempo fiquei ali a pensar.

Foi Miriam quem interrompeu o meu devaneio.

— Que foi, Eva? — Sacudiu-me o braço. — Eva! Que foi?

Virei-me para ela, com os olhos a ajustar-se finalmente à sua presença.

— Casa — respondi. — Quero ir para casa.

Miriam estudou-me o rosto.

— Está bem. Estamos livres. Vamos para casa.

Reunimos os nossos poucos pertences, guardando-os debaixo de nós e nas nossas roupas. Nessa noite, dormimos profundamente, pois tínhamos um plano: iríamos para casa o mais cedo possível.

Na tarde seguinte, muitos soviéticos reuniram-se à nossa volta. Pediram-nos, a mim e a Miriam e a todas as crianças sobreviventes, maioritariamente gémeos, que vestíssemos os uniformes às riscas da prisão por cima das nossas roupas. Uma vez que éramos os gémeos de Mengele, nunca antes tínhamos usado aquelas fardas de Auschwitz. Já tinha dois casacos vestidos, pois estava muito frio. Sob os nossos casacos e vestidos, Miriam e eu carregávamos todos os nossos pertences: comida, tigelas, cobertores — coisas que víamos como tesouros.

Ficámos mesmo à frente da fila e demos as mãos enquanto os soldados soviéticos nos conduziam para fora da caserna entre as altas cercas de arame farpado. Uma enfermeira com uma criança pequena nos braços caminhava ao nosso lado. Havia enormes câmaras constantemente a filmar. Olhei para o operador de câmara e fiquei a pensar no porquê de ali estar a tirar o nosso retrato.

«Somos estrelas de cinema ou assim?», disse de mim para comigo. Estava muito impressionada com tudo aquilo. Os únicos

filmes a sério que Miriam e eu tínhamos visto eram aqueles com a Shirley Temple que a nossa mãe nos levava a ver na cidade.

Para minha surpresa, após termos todos atravessado as vedações, o operador de câmara mandou-nos novamente lá para dentro e disse-nos que voltássemos a sair. Com freiras, enfermeiras e soldados soviéticos a acompanhar-nos, filas e filas de gémeos voltaram a entrar na caserna, saindo depois mais uma vez. Repetimos a ação várias vezes até o operador de câmara estar satisfeito. Descobri, anos mais tarde, que queria captar a cena como parte de um filme de propaganda, para mostrar ao mundo como o exército soviético resgatara crianças judias aos fascistas.

Finalmente, pela última vez, Miriam e eu, de mãos dadas, saímos da caserna, de uniformes às riscas a condizer. Sobrevivêramos a Auschwitz. Tínhamos 11 anos.

Tínhamos então apenas uma pergunta: como exatamente é que íamos para casa?

CAPÍTULO ONZE

A toda a nossa volta, as pessoas preparavam-se para partir. Limitavam-se a afastar-se do campo. Eu não sabia em que direção seguir. Não sabia onde estávamos. Nesse tempo, não sabia que havia países chamados Polónia e União Soviética. Tendo ido à escola numa pequena aldeia da Roménia, nada aprendera sobre o resto do mundo.

Durante as duas semanas que se seguiram, Miriam e eu ficámos em Auschwitz com muitos outros antigos prisioneiros. De início, não tínhamos comida suficiente. Voltei à cave e enchi o meu lenço de farinha.

«Nyet! Nyet!» Não! Não!, gritou um soldado soviético. Disparou um tiro.

Assustada, deixei cair a farinha, corri para o exterior e para junto de Miriam. Percebi mais tarde que o soldado não estava a disparar contra mim como os nazis haviam feito. Estava a tentar assustar-me. Os soviéticos tinham tomado o controlo do campo e estavam a tentar manter a ordem.

Não me lembro de ter organizado mais comida depois disso. Os soviéticos davam-nos uma sopa com feijões que sabia bem. Assim que Miriam e eu começámos a comer, não conseguimos parar. Por essa altura, já sabíamos que comer demais era mau para nós, por isso controlávamo-nos uma à outra. Não queríamos morrer por excesso de comida como outras gémeas que havíamos conhecido.

Algumas semanas depois, saímos finalmente de Auschwitz. Fomos levadas numa carroça puxada por um cavalo para um orfanato situado num mosteiro em Katowice, na Polónia. Soubemos mais tarde que os preparativos tinham sido feitos pelos soviéticos, que trabalhavam com a Cruz Vermelha e com a Organização dos Refugiados Judeus.

Quando chegámos ao mosteiro, fomos levadas para os nossos novos aposentos. Fiquei chocada. Deram-nos um quarto só para

nós. Tinha duas camas com lençóis brancos e limpos. Lençóis! Há quase um ano que não via um lençol branco. Senti-me estranha e deslocada. Ninguém se dera ao trabalho de nos dar banho; estávamos imundas e cobertas de piolhos. Nem pensar que podia dormir naquela cama branca e limpa.

Fiquei muito tempo a olhar para os lençóis. Nessa noite, arranquei-os da cama e dormi no colchão descoberto. Não queria deixar tudo sujo. Parecia errado.

As freiras tinham também posto belos brinquedos no nosso quarto, mas esses deixavam-me zangada.

Os brinquedos eram para crianças. Eu tinha 11 anos, mas já não sabia brincar. Aquilo que eu queria e de que precisava era de calor e cuidado. Em Auschwitz, lutara para nos manter vivas, a mim e a Miriam. Agora só queria ir para casa. As freiras não sabiam o que fazer connosco. Consideravam-nos órfãs.

Falei por Miriam e por mim.

— Somos gémeas. Esta é a Miriam e eu sou a Eva Mozes. O nosso pai chama-se Alexander e a nossa mãe chama-se Jaffa. Somos de Portz.

Falávamos com elas em húngaro, pois não sabíamos polaco; um tradutor dizia-lhes depois o que tínhamos dito. As conversas demoravam muito tempo.



16. As duas crianças da frente são Eva (à esquerda) e Miriam (à direita).



17. Eva e Miriam enquanto alunas do liceu em Cluj.



18. A família Csengeri depois da guerra. Os pais, Zvi e Rosie, estão ao centro. As gémeas, Yehudit e Lea, estão uma de cada



19. Eva a ordenhar uma vaca.



20. Fila de cima (da esquerda para a direita): Eva, Mickey Kor, a sobrinha de Mickey, Miri, o irmão Shlomo e a cunhada Sara. À frente está o sobrinho de Mickey, AuShalom.



21. Eva e Miriam em Auschwitz, 1991.



21. Eva e Miriam em Auschwitz, 1991.



22. A meio, à esquerda, Rina Kor (a segurar um documento), Alex Kor, Eva Mozes Kor e o Dr. Münch em Auschwitz, em 1993, a assinar as suas declarações.



23. Eva segurando ampolas não utilizadas de substâncias usadas em experiências. Desconhece-se o conteúdo das ampolas; nunca foram abertas nem testadas.

- Onde estão os vossos pais? — perguntavam as freiras.
- Não sei.
- Quem tomará conta de vocês?
- Não sei. Queremos ir para casa — dizia-lhes constantemente.

— As crianças não podem ser libertadas se não tiverem pais — diziam as freiras.

— Mas nós temos pais — respondia eu.

— Onde?

— Temos de ir para casa para descobrir se eles voltaram do campo — dizia eu.

Agora que estávamos em segurança, ainda podia ter esperança de encontrar a mãe, o pai e as minhas irmãs.

As freiras disseram-nos que não podíamos partir a não ser que houvesse alguém que tomasse conta de nós. E que era por isso que tínhamos de ficar ali.

Não gostava de viver num mosteiro católico. Ali, cruces, crucifixos e quadros da Virgem com o Menino cercavam-nos e pareciam estranhos. Ansiava por um lugar mais familiar. Perguntava-me sobre o que pensaria o meu pai, um judeu religioso, se nos visse num mosteiro. As freiras não tentaram converter-nos nem nada disso, mas era simplesmente um lugar estranho para nos encontrarmos.

Raparigas mais velhas que tinham sobrevivido a Auschwitz e estavam alojadas no mosteiro disseram-nos que podíamos ir à cidade de Katowice e andar de elétrico sem pagar bilhete. A única coisa que tínhamos de fazer era mostrar os números que tínhamos tatuados nos braços. Disseram-nos que não precisávamos de falar polaco nem de dizer nada. Uma vez que falávamos principalmente húngaro, foi um pequeno alívio.

Fomos, por isso, à cidade e descobrimos que o que elas nos haviam dito era verdade: podíamos andar nos elétricos de graça. Miriam e eu fomos uma e outra vez de elétrico de uma ponta da cidade à outra. A pura alegria de estarmos livres, de sentirmos o vento nos ouvidos e de podermos escolher o que fazíamos era mesmo libertadora.

Pelas raparigas mais velhas, soubemos que alguns sobreviventes de Auschwitz estavam a ser mantidos num campo de deslocados em Katowice, incluindo a nossa amiga de casa, a Sra. Csengeri, com as suas filhas gémeas.

Um dia, pensei num plano para nos tirar do mosteiro.

— Anda, Miriam — disse. — Vamos ver a Sra. Csengeri.

— Porquê? — perguntou Miriam.

— Vem só comigo.

Entrámos num eléctrico e fomos até ao campo. Quando encontrámos a Sra. Csengeri, comecei a falar sem parar.

— A senhora era amiga da minha mãe — disse eu. — Não queremos ficar no mosteiro, mas não nos deixam sair, porque não conseguimos encontrar os nossos pais.

— Sim, eu sei — respondeu ela. — Mas porque é que me estás a dizer tudo isso?

Fiz uma pausa e depois disparei.

— Pode assinar um papel a dizer que é nossa tia e tirar-nos dali, para podermos ir para casa?

De início, a Sra. Csengeri nada disse. Por fim, respondeu:

— Está bem. Vou convosco ao mosteiro assinar os papéis. — Fez uma pausa e acrescentou: — E depois levo-vos comigo para casa.

Estava exultante.

Em março de 1945, Miriam e eu mudámo-nos para o campo com a Sra. Csengeri e as filhas dela. Vivíamos num quarto na caserna e partilhávamo-lo com uma mulher, a Sra. Goldenthal, e os seus três filhos.

Os gémeos da Sra. Goldenthal, Alex e Erno, eram da nossa idade, e descobri que, tal como nós, tinham sido selecionados em Auschwitz para as experiências de Mengele. A Sra. Goldenthal tinha ficado com eles, e eu soube mais tarde que escondera uma filha mais nova, Margarita, sob a sua longa saia. Chegara ao campo com a criança escondida no vestido e durante toda a sua estada, mesmo nas casernas nazis, onde mantivera Margarita debaixo do colchão durante as inspeções, ela e as outras mulheres tinham ajudado a esconder a filha.

A Sra. Goldenthal e a Sra. Csengeri tomavam agora conta de todos nós. Lavavam-nos e ferviam as nossas roupas. Livravam-se dos piolhos. A Sra. Csengeri costurou vestidos para Miriam e para

mim a partir de grandes túnicas caqui soviéticas. Usar esse vestido fez-me sentir de novo uma rapariguinha. Chegou mesmo a preparar comida especial para nós. Miriam e eu sentíamos-nos quase como se fôssemos de novo uma família, sendo cuidadas por adultos, tal como costumávamos ser.

Os soldados soviéticos encarregados do campo davam-nos pão e meio rublo por semana para gastarmos naquilo que quiséssemos. Às vezes, Miriam e eu íamos ao mercado ao ar livre da cidade para comprar uma maçã. Normalmente, davam-nos comida simples que nos saciava, como pão, sopa de batata e carne. Uma maçã era um luxo que nos encantava.

Uma manhã, passado um mês e meio, a Sra. Csengeri acordou-me de um sono profundo.

— Guarda tudo — disse. — Vamos mudar-nos.

Reunimos as nossas coisas. De mãos dadas, com os nossos vestidos caqui a condizer, Miriam e eu entrámos num comboio com o nosso pequeno grupo. Não fazia ideia do nosso destino, mas sabíamos para onde desejávamos ir. Tudo o que queria era encontrar os meus pais ou alguém da minha família verdadeira. Tudo o que queria era voltar para casa.

CAPÍTULO DOZE

Os soldados soviéticos assumiram o controlo enquanto Miriam e eu empreendíamos a viagem de regresso a casa com a Sra. Csengeri, a Sra. Goldenthal e os seus filhos. Embora viajássemos num vagão de gado, era muito diferente da nossa viagem para Auschwitz. O comboio não estava a abarrotar e havia beliches embutidos com pequenos colchões confortáveis. Adorávamos sentar-nos no beliche de cima e olhar pelas janelas, que dessa vez não estavam cobertas por arame farpado. À noite, tínhamos todos os cobertores que quiséssemos. Miriam e eu abraçávamo-nos. Continuávamos a não falar sobre o que sentíamos nem sobre o que se passava. Aconchegávamo-nos simplesmente uma à outra.

Durante o dia, as portas das carruagens eram deixadas abertas. Muitas vezes, Miriam e eu sentávamo-nos à porta com as pernas a balançar do lado de fora.

O comboio arrastava-se tão lentamente na linha que quase era possível correr ao lado dele. O vento roçava-nos os rostos e o ar fresco era maravilhoso. Gostávamos de ver os campos e as colinas a passar. Era primavera. As flores desabrochavam, os pássaros chilreavam.

Já não estávamos em perigo. Estávamos livres.

Às vezes, o comboio parava durante cinco ou seis horas. Saíamos e a Sra. Csengeri assentava dois tijolos, fazia uma pequena fogueira e cozinhava qualquer coisa numa panela. Os soviéticos davam-nos pão e rações, mas também tínhamos levado alguma comida. Já não tinha de me preocupar com a nossa alimentação.

A Sra. Csengeri encarregava-se disso e nunca se queixava. Quando o maquinista avisava que o comboio estava prestes a partir, voltávamos a saltar lá para dentro.

Íamos em direção à Roménia. No comboio, cantávamos e falávamos. A Sra. Csengeri e a Sra. Goldenthal diziam que iam

guardar os uniformes prisionais às riscas que tinham usado em Auschwitz e dar testemunho ao mundo do que ali sucedera.

— Vou contar a minha história — dizia constantemente a Sra. Csengeri. — Vou contar o que esses monstros nos fizeram.

Na altura, não entendia o porquê de isso ser tão importante. Não podia imaginar alguém com vontade de ouvir falar de Auschwitz, mas as mulheres estavam constantemente a discuti-lo. Surgiu a questão: teriam os maridos sobrevivido? Perguntei para comigo se alguém da minha família sobrevivera, além de Miriam e de mim. Ninguém sabia ao certo.

Às vezes, passávamos por aldeias e vilas que tinham sido destruídas pelos bombardeamentos. Edifícios de tijolo jaziam em ruínas. Destroços cobriam o solo. Alguns locais pareciam completamente abandonados. Fomos de Katowice, na Polónia, até Czernowitz, perto da fronteira com a Roménia. Na periferia da cidade, ficámos num complexo que pode ter sido um campo de trabalho ou um gueto. Ficámos aí durante cerca de dois meses e achámos que estávamos mais perto de casa.

Uma tarde, disseram-nos que fizéssemos as malas e fomos metidas noutro vagão com beliches. À medida que o comboio avançava, os adultos aperceberam-se de que já devíamos ter chegado à Roménia; a Transilvânia tornara-se novamente parte da Roménia, já não pertencia à Hungria. A Sra. Csengeri viu os sinais e disse que estávamos a avançar mais para o interior da União Soviética. Quando o comboio começou a subir, algumas pessoas saltaram e rebolaram para fora da linha. «Aonde irão eles?», interroguei-me. Quis saber o que lhes acontecera durante anos. Soube mais tarde que muitas pessoas tinham medo da União Soviética e não queriam viver sob um regime comunista.

Passada uma semana, chegámos a um campo de refugiados em Słutsk. Era perto de Minsk, na União Soviética. Vivemos lá um par de meses com antigos prisioneiros de toda a Europa. Finalmente, fomos agrupados de acordo com os nossos países de origem.

Um dia, em outubro, demos início à viagem de regresso à Roménia. A nossa primeira paragem foi em Nagy Varad Oradea, a cidade da Sra. Goldenthal. Ela e os filhos foram para casa. Senti uma inveja imensa! Queria estar de volta à nossa casa! Nessa noite, os restantes ficaram num hotel perto da estação dos caminhos de ferro, e foi aí que jantámos. A comida era muito, muito boa, consistindo em batatas assadas e ovos estrelados temperados, com maçãs e gelado para sobremesa. Por uma vez, ficámos cheias depois de comer. Uma agência judaica deu-nos dinheiro para pagar a conta. Cada cidade que em tempos tivera uma população de judeus tinha agora uma agência judaica para cuidar de pessoas deslocadas como nós e ajudar as famílias a reunir-se.

No dia seguinte, entrámos noutra comboio e viajámos para sul até Şimleu Silvaniei, a vila da Sra. Csengeri. Convidou-nos a passar lá a noite. De manhã, agradecemos-lhe por ter cuidado de nós e apanhámos o primeiro comboio para Portz, a nossa aldeia.

Quando o comboio parou e o maquinista gritou «Portz!», reconheci imediatamente a estação. De mãos dadas, Miriam e eu saímos no topo da colina e começámos a descer para a aldeia.

— Vamos para casa — disse eu.

Tinha de ver. Não sei ao certo o que esperava encontrar. Estaria tudo tal como havíamos deixado, só talvez um pouco desarrumado devido aos meses em que estivéramos fora? Na minha cabeça, casa significava Miriam e eu, as nossas irmãs e os meus pais, a quinta e os nossos animais. Qualquer regresso a casa tinha de incluir pelo menos algumas destas coisas, certo? Permiti-me ter esperança de que houvesse algo de bom à nossa espera.

De mãos dadas, Miriam e eu atravessámos a aldeia. Usávamos os nossos vestidos a condizer, feitos a partir de uma túnica caqui soviética, e eu ainda tinha os sapatos do campo, com o dobro do tamanho dos meus pés. Sempre que dava um passo, a ponta do sapato pousava primeiro. As pessoas saíam de suas casas e sussurravam umas com as outras. Ninguém falava connosco diretamente. Limitavam-se a olhar para nós enquanto descíamos a

rua. Miriam e eu continuávamos parecidas. Tive a sensação de que os aldeãos sabiam quem éramos.

Quando nos aproximámos da nossa casa, o meu coração batia com tanta força que podia ouvi-lo a palpitar. Mal podia esperar para chegar ao portão. Finalmente — estaríamos de novo em casa! As minhas memórias de casa eram de coisas boas e de bons momentos: camas quentes e roupas que nos serviam, uma mãe que cozinhava para nós, um pai que nos sustentava. A minha família. Mas nada disso restava. Nada a não ser a terra por lavrar e as paredes nuas de uma casa vazia.

Parecia tudo esquecido. Abandonado. Percebi imediatamente que o pai e a mãe não tinham regressado. Jamais teriam deixado as ervas daninhas crescer tão alto. Jamais teriam deixado a casa degradar-se.

Foi nesse momento que Miriam e eu soubemos que éramos tudo o que restava da família Mozes. A avó e o avô Hersh — o principal motivo para a nossa mãe não ter fugido para a Palestina — tinham também desaparecido. Não havia mais ninguém.

Ainda de mãos dadas, Miriam e eu entrámos na casa. Ficámos surpreendidas quando *Lily*, a cadela da mãe, uma pequena *dachshund* vermelha, veio a correr cumprimentar-nos, a ladrar e a abanar a cauda. Tanto tempo, e ali estava ela! Pareceu reconhecer-nos e, quando estendemos as mãos para lhe fazer uma festa, ela lambeu-nos-las. Suponho que os cães dos judeus não foram levados para campos de concentração; só as pessoas.

A casa estava suja — e vazia. Fora tudo saqueado. Móveis, cortinas, pratos, roupas, castiçais — tudo. Fui de sala em sala, em busca de qualquer recordação, de um qualquer vestígio da vida que em tempos vivera. Encontrei apenas três fotografias amarrotadas largadas no chão. Apanhei-as e guardei-as.

Uma das fotografias mostrava as minhas irmãs mais velhas, Edit e Aliz, com três dos nossos primos. Outra era de Edit, Aliz, Miriam e eu com as nossas professoras em 1942. A terceira era um retrato de toda a minha família, tirado no outono de 1943. Na fotografia a

preto-e-branco, Miriam e eu usávamos os nossos vestidos *bordeaux* a condizer. Era a única prova que tinha de que em dias idos, há não muito tempo, eu tivera uma família. Miriam e eu ficámos seis ou sete horas a vaguear pela quinta. As árvores de fruto continuavam lá, e comemos algumas ameixas e maçãs, mas os aldeãos tinham apanhado a maior parte da fruta. A meio da tarde, apareceu o nosso primo Shmilu. A tia Irena, a irmã mais nova do nosso pai, tinha-o aparentemente avisado para nos vir buscar. Soubemos mais tarde que nos tinha localizado através da Cruz Vermelha. Miriam e eu estávamos entre os últimos judeus a regressar à Transilvânia, e a tia Irena continuara a verificar as listas para ver se alguém da nossa família sobrevivera. Soubera, por isso, exatamente quando o nosso comboio ia chegar a Portz e contactara Shmilu.

Shmilu tinha cerca de 20 anos e vivia numa aldeia vizinha. Também ele fora prisioneiro em Auschwitz e fora o único a sobreviver na sua família imediata. Disse-lhe que os vizinhos tinham roubado tudo.

— Sim — disse ele —, eu sei.

Shmilu recuperara uma cama, uma mesa e um par de cadeiras aos vizinhos para improvisar um quarto para si na cozinha de verão da nossa quinta. Trabalhava a terra e tomava conta de *Lily*. A cadela andava para dentro e para fora, a comer restos nas quintas.

Fizemos-lhe perguntas sobre os nossos pais.

— Não vi ninguém da vossa família — disse-nos ele. — Só sei que a vossa tia Irena sobreviveu e está à vossa espera. — Tinha sido enviada para um campo de concentração, mas regressara em maio.

Não me sentia confortável em casa, apesar de ser nossa. Já não sentia aquele lugar como meu. Miriam e eu não tínhamos casa nem pais nem irmãos. Mas ainda nos tínhamos uma à outra.

Partimos com o primo Shmilu. Os aldeãos postaram-se aos seus portões e, em silêncio, viram-nos partir. Estava zangada com eles, mas nada disse. Entrámos num comboio que nos levaria até à grande cidade de Cluj para nos juntarmos à nossa tia.

Fosse de que maneira fosse, construiríamos uma nova vida para nós.

CAPÍTULO TREZE

Nos cinco anos seguintes, entre 1945 e 1950, Miriam e eu vivemos com a tia Irena. Tinha um grande prédio de apartamentos em Cluj.

Antes da guerra, Miriam e eu sempre gostáramos das visitas a casa da tia Irena e das visitas que nos fazia. Ela e o marido viajavam muito, e ela contava-nos histórias de férias na Riviera Francesa e em Monte Carlo. Adorávamos ouvi-la e ver as suas joias e peles. O filho dela era o nosso primo favorito.

Mas, um ano ou dois após a nossa chegada a Cluj, começámos a descobrir que a liberdade não era o que pensávamos que seria. A Roménia era agora controlada pelos comunistas. O Partido Comunista era o único partido político e tinha um poder absoluto. A polícia secreta prendia quem quer que se opusesse ao governo e tomava posse da propriedade das pessoas para a dar aos camponeses.

Durante a guerra, os nazis tinham obrigado a tia Irena a trabalhar numa fábrica de bombas na Alemanha. O marido e o filho tinham morrido nos campos. Quando regressou a Cluj, descobriu que os comunistas tinham ficado com a maior parte dos seus bens. Ainda assim, o Estado deixou a tia Irena ficar com o seu edifício, por ser uma viúva de guerra e uma sobrevivente dos campos de concentração. Casou com um farmacêutico que era também um sobrevivente.

Vivíamos todos juntos, mas não éramos realmente uma família. Sabíamos que a nossa tia se preocupava connosco, pois fora a única familiar disposta a receber-nos. Mas a tia Irena nunca nos abraçava nem beijava, nem falava com bondade. Miriam e eu tínhamos fome de afeto e ansiávamos por uma mãe carinhosa.

A tia Irena ainda tinha tapetes persas, uma coleção de porcelanas e algumas roupas de marca que lhe haviam sobrado dos dias de antes da guerra. Estes tesouros recordavam-lhe a boa vida que

costumava ter e, estranhamente, pareciam significar mais para ela do que nós.

Miriam e eu sentíamos-nos deslocadas naquele grande apartamento. Éramos desajeitadas e turbulentas. Éramos crianças de 11 anos que tinham regressado das casernas de Auschwitz. Não pertencíamos a Auschwitz, mas também não pertencíamos completamente àquele apartamento sofisticado de Cluj.

Todas as noites tinha pesadelos. Sonhava com ratazanas do tamanho de gatos, com cadáveres e com agulhas espetadas em mim. Após termos descoberto que os nazis tinham feito sabão a partir da gordura de judeus, sonhei que as barras de sabão falavam comigo com as vozes dos meus pais e das minhas irmãs, perguntando: «Porque te estás a lavar connosco?»

Não contei à Miriam, pois temia que a fizesse sentir-se mal e ter também pesadelos. Ambas tínhamos desenvolvido problemas de saúde e estávamos sempre constipadas. Chagas dolorosas cobriam-nos o corpo. As feridas ficaram do tamanho de maçãs e formaram cicatrizes. Quando a tia Irena nos levou ao médico, fiquei aterrorizada — lembrava-me do Dr. Mengele e dos seus assistentes de bata branca. Aprendera a não confiar muito nos médicos.

— Estas crianças têm aquilo de que muitas crianças da guerra têm vindo a sofrer: subnutrição — disse o médico romeno quando nos examinou. — Não se passa nada de errado com elas que as vitaminas e uma boa dieta não consigam resolver.

Por esses dias, não havia vitaminas disponíveis e a comida era escassa. Ficávamos horas na fila para receber um pão. O nosso primo Shmilu trazia farinha, batatas, ovos, vegetais e óleo de girassol da quinta. Miriam e eu ansiávamos por esse óleo e bebíamos-lo diretamente da garrafa! Isto preocupava a tia Irena, mas o médico disse-lhe que nos deixasse beber, que parecíamos estar a melhorar.

Um dia, enquanto comia pão branco na varanda do apartamento, alguém viu e denunciou-me à polícia secreta. Nessa noite, a polícia veio e invadiu o apartamento, confiscando toda a nossa comida. No

dia seguinte, a minha tia construiu um armário falso que parecia uma parede. Só se podia entrar carregando num botão. Daí em diante, passámos a esconder a nossa comida no armário.

Uma noite, a polícia secreta levou o marido da tia Irena sem qualquer explicação. Desapareceu. Não sabíamos se estava vivo ou morto. Quando saíamos, estávamos sempre preocupadas com quem estava a ver ou a ouvir. Alguém podia entregar-nos à polícia secreta.

Viver na Roménia comunista tornou-se cada vez mais difícil. O governo controlava tudo, incluindo as escolas. No primeiro dia no liceu, Miriam e eu usámos os nossos vestidos caqui a condizer. Lembrávamo-nos de ir à escola em Portz com os nossos vestidos *bordeaux* a condizer. Agora, todas as crianças gozavam connosco por causa das nossas roupas. Só tínhamos perdido um ano e meio e não estávamos muito atrasadas nos estudos. Mas a escola era mais difícil para nós, pois falávamos húngaro e as aulas eram dadas em romeno.

Na escola, éramos as únicas judias. Os outros alunos chamavam-nos nomes, apesar daquilo por que tínhamos passado. Os antissemitas de Cluj espalhavam rumores de que, de noite, um vampiro judeu perseguia raparigas cristãs e sugava-lhes o sangue. Miriam e eu fazíamos a nossa refeição da noite num orfanato, uma vez que não havia comida suficiente em casa da tia Irena. A caminho de casa, ia constantemente a pensar: «Como é que este vampiro vai saber que eu sou judia para não me atacar?»

Mas não eram só os judeus que estavam a ser perseguidos. As condições eram terríveis para todos. Miriam e eu começámos a ir a uma organização sionista judaica para aprender coisas sobre a Palestina, mas o governo acabou por fechar a organização.

Às vezes, recebíamos pacotes da nossa tia que estava nos Estados Unidos. Uma vez, enviou algum tecido e a tia Irena levou-nos à costureira e mandou fazer três pares de vestidos a condizer para nós. O nosso preferido era azul às pintinhas. Adorávamos usar vestidos a condizer para chamar a atenção e enganar os rapazes. A

nossa tia americana também mandou casacos, mas eram modelos adultos e não nos serviam.

Um dia, em 1948, quando tínhamos 14 anos, o governo anunciou que a loja teria novos casacos para venda. Miriam e eu ficámos a noite inteira na fila, à espera que a loja abrisse às dez da manhã. Mas apareceram 12 mil pessoas — para 200 casacos! Quando as portas se abriram e as pessoas se precipitaram para o interior, uma vendedora que era amiga da nossa tia reconheceu-nos. Atirou-nos dois casacos e empurrou-nos para debaixo de um balcão. Mais tarde, pagámo-los e saímos com casacos cor de ferrugem, da cor das folhas de outono, a condizer. Usámos esses casacos quando, muito mais tarde, partimos para Israel.

A Palestina tornou-se o Estado de Israel em 1948. Comecei a pensar que seria um privilégio viver num lugar onde o meu pai sonhara viver. Da última vez que o víamos, o pai fizera-nos prometer que, caso sobrevivêssemos, iríamos para a Palestina.

Miriam e eu trocámos cartas com o tio Aaron, irmão do nosso pai, que vivia em Haifa, e enviámos-lhe uma fotografia nossa. O tio Aaron ofereceu-se para nos ajudar a reinstalarmo-nos e a mitigar o nosso sofrimento. Escrevemos-lhe e perguntámos se havia chocolate em Israel. Ele respondeu, dizendo-nos que podíamos comer todo o chocolate que quiséssemos e todas as laranjas também. Ele tomaria conta de nós. Achámos que Israel parecia o Paraíso!

A tia Irena disse que recebera notícias de que o filho estava vivo e a residir em Israel. Queria emigrar também. Candidatámo-nos todos a vistos de saída, e o da nossa tia foi facilmente concedido. Foram precisos dois anos para Miriam e eu obtermos os nossos. O governo não queria deixar os jovens sair da Roménia, pois precisavam da juventude para reconstruir o país, devastado pela guerra.

Ainda assim, começámos a preparar-nos para a viagem. As regras mudavam todos os dias, quanto àquilo que podíamos levar. Fizemos as malas um ano antes de partir e vivíamos rodeadas de

caixas cheias de coisas que queríamos levar. Para sair do país, Miriam e eu tivemos de ceder as propriedades que nos restavam. Ainda tínhamos um hectare de terreno e a casa de Portz. Os comunistas já tinham reivindicado a maior parte da quinta para dividir entre os camponeses. Queríamos tanto partir que assinámos a cedência.

Dois meses antes de sairmos da Roménia, o marido da tia Irena foi libertado da prisão e recebeu um visto. Não nos disse uma palavra sobre o que lhe acontecera. Estávamos simplesmente felizes por ele ter sido libertado.

Finalmente, em junho de 1950, estando nós prestes a partir, o governo informou-nos de que só podíamos levar connosco a roupa do corpo. No dia em que partimos, a tia Irena fez-nos usar três vestidos sob os nossos casacos a condizer. Embrulhei cuidadosamente as fotografias amarrotadas da minha família em papel e levei-as comigo.

Apanhámos um comboio para Constanza, uma cidade na costa do Mar Negro. Entre empurrões e apertões, fizemos fila para embarcar no navio. Miriam e eu estávamos esmagadas. Mal conseguia respirar. Mas apertámos bem a mão uma da outra para não nos separarmos. Havia três mil pessoas num navio construído para levar apenas mil. Esperámos 24 horas antes de zarparmos.

À medida que nos afastávamos da costa, soube que nada restava para mim e para Miriam na Roménia. Ao longo desses últimos cinco anos, continuara a ter esperança de que as nossas irmãs ou os nossos pais pudessem voltar. As organizações judaicas que trabalhavam com a Cruz Vermelha tinham publicado listas das pessoas que regressavam. Todas as noites verificava as listas no orfanato onde jantávamos, mas não havia sinal de nenhum dos elementos da minha família. Miriam e eu tínhamos 16 anos. Precisávamos de seguir em frente.

Foi uma viagem longa e cansativa. Passámos dias e dias sem ver terra, mas era empolgante estar em alto-mar. A infinita extensão de água e de céu, com ar fresco e o vento a atravessar-nos os cabelos,

cheirava a liberdade e a promessa. De mãos dadas, Miriam e eu vimos golfinhos a entrar e a sair do oceano.

Uma manhã bem cedo, o nosso navio aproximou-se de Haifa. Enquanto atracava, ficámos no convés e vimos o Sol nascer sobre o monte Carmelo, em Israel. Foi uma das mais belas visões que alguma vez tive. A terra da liberdade. Grande parte dos passageiros do navio era composta de sobreviventes do Holocausto, tal como nós. Desataram todos a cantar o *Hatikvah*, o hino nacional de Israel. Cantávamos e chorávamos de alegria.

Quando desembarcámos no porto, tentámos localizar alguém que estivesse à nossa procura. Finalmente, o tio Aaron avistou-nos, gritando os nossos nomes e acenando com os braços para ter a certeza de que o víamos. Abraçámo-lo e ele beijou-nos. Chorámos nos braços dele. Passara tanto tempo desde que a minha irmã e eu recebêramos verdadeiro amor a não ser uma da outra.

Com os nossos casacos cor de ferrugem e as nossas camadas de vestidos a condizer, a minha gémea e eu sentimos finalmente que tínhamos chegado a casa.

CAPÍTULO CATORZE

Quando chegámos a Haifa com o tio Aaron, soubemos que, afinal, o filho da tia Irena não estava lá. Tinha inventado a história para conseguir um visto. Miriam e eu ficámos tristes ao perceber que o nosso primo favorito tinha desaparecido para sempre. Passámos a tarde com o tio Aaron e a sua família. Ficou acordado que Miriam e eu iríamos para uma das aldeias da Juventude Aliyah montadas pelo governo israelita. As aldeias situavam-se em quintas enormes onde jovens como nós plantavam e colhiam vegetais e cuidavam dos animais. A comida que produzíamos ajudava a alimentar a nova nação de Israel.

Na nossa aldeia, trabalhávamos metade do dia e íamos à escola na outra metade. As minhas tarefas eram apanhar tomates e amendoins e ordenhar as vacas.

Miriam e eu estávamos na aldeia com cerca de outros 300 adolescentes de muitos países diferentes. Nem todos os jovens eram sobreviventes do Holocausto como nós. Alguns miúdos viviam na aldeia enquanto os pais se formavam para poderem ir trabalhar. Ao chegar, éramos todos colocados em grupos e tornávamo-nos amigos. Cada dormitório tinha uma encarregada, mas cuidávamos dos nossos próprios quartos. Pela primeira vez desde a minha saída de Auschwitz, dormia sem ter pesadelos. Já não tinha de me preocupar com a nossa segurança física ou com a nossa sobrevivência. Não havia antissemitismo e era-nos permitido, encorajado, na verdade, celebrar a nossa herança judaica. As nossas dores e o nosso sofrimento começariam lentamente a sarar naquelas aldeias de jovens.

Embora todos chegássemos a falar diferentes línguas, foi-nos ensinada uma língua comum: o hebraico. Aprendi algumas palavras na primeira noite que eu e Miriam passámos na aldeia. Era sexta-feira. Nessa noite, como em todas as sextas à noite, todos os miúdos se reuniram numa sala de jantar para dar as boas-vindas ao

Shabbat, o sábado judaico. Havia velas e vinho nas mesas. Todos vestíamos camisas brancas. Duas raparigas foram-nos atribuídas como «irmãs mais velhas» e fizeram-nos sentir em casa.

Após as orações, todos começaram a cantar e a dançar a *hora*. Mas eu não sabia fazê-lo. «Posso fazer esta dança?», perguntei a mim mesma. A minha irmã mais velha pegou-me na mão e a irmã mais velha de Miriam pegou na dela enquanto todos davam as mãos e formavam uma roda. Dançámos para a direita. Não sabia os passos, mas segui o exemplo. De braços no ar, dançámos juntos, rapazes e raparigas, todos a cantar *Hava Nagila*. A rir, demos voltas e voltas, cada vez mais depressa. Dancei a *hora* e fiquei cheia de alegria. Miriam e eu fazíamos finalmente parte de uma nova, grande e acolhedora família.

O EPÍLOGO DE EVA

Em Israel, vivemos dois anos na Aldeia da Juventude. Íamos à escola metade do dia e trabalhávamos na quinta durante a outra metade. Depressa aprendemos hebraico, saltando rapidamente de uma turma para a seguinte no espaço de dois anos e acabando finalmente no décimo ano. Miriam trabalhava no campo e eu era leiteira. Era a única rapariga a trabalhar com seis rapazes. Aprendi a dizer «amo-te» em dez línguas diferentes, o que, aos 16 anos, parecia algo importante de se saber.

Em 1952, fomos recrutadas pelo exército israelita, e foi aí que Miriam estudou enfermagem e se tornou uma enfermeira certificada. Eu estudei desenho e tornei-me projetista, alguém que desenha plantas de edifícios e máquinas. Fui destacada para Telavive e fiquei oito anos no exército israelita, chegando ao posto de sargento-mor. Foram anos de crescimento para mim. Tornei-me uma muito boa projetista e descobri que era capaz de ganhar a vida. Mas ansiava por uma casa e por uma família próprias.

Em abril de 1960, conheci um turista americano chamado Michael Kor, que estava de visita ao irmão em Telavive. Embora mal conseguíssemos comunicar, casámo-nos poucas semanas depois. Ele tinha-me dito algo em inglês; nessa noite, procurei o significado e respondi: «Sim.» Era um pedido de casamento. Quando dei por mim, era uma mulher casada a viver em Terre Haute, no Indiana, onde o meu marido Michael vivia desde 1947. Tinha ido para lá depois da guerra especificamente para viver perto do seu libertador das forças aliadas norte-americanas. Deixem que vos diga que não é particularmente boa ideia casar com alguém sem se ser capaz de comunicar na mesma língua. Tínhamos ambos demasiadas surpresas com que lidar enquanto nos conhecíamos um ao outro. Por exemplo, inicialmente o meu marido achou que eu era uma pessoa muito calada! Como poderão ter percebido por este livro de memórias, não sou; só não sabia falar inglês.

Passar de Telavive para Terre Haute foi como aterrar na Lua. Nada sabia sobre a vida nos Estados Unidos, não falava inglês e achava que toda a gente era rica. Passadas algumas semanas, engravidei. Tinha tantas saudades de casa, de Miriam e dos meus amigos de Israel que via televisão para afogar a solidão.

Na altura, achava que a única coisa que os americanos dos EUA davam na televisão eram notícias e desporto, pois eram os únicos dois tipos de programas que o meu marido via.

Um dia, para minha surpresa, deu um filme na televisão sobre um casal que namorava, que se beijava e vivia como os jovens. Ali estava um programa de televisão que valia a pena ver! Fiquei fascinada pelo programa, só desviando os olhos da ação para anotar palavras que não conhecia para mais tarde as poder procurar no dicionário. Passei então a memorizar essas palavras. Assim, aprendi a falar inglês suficientemente bem para arranjar um emprego menos de três meses após a minha chegada aos Estados Unidos.

O nosso filho, Alex Kor, nasceu no dia 15 de abril de 1961, e a nossa filha, Rina Kor, no dia 1 de março de

1963. Julguei que a minha vida estava completa. Mas, ainda assim, as minhas experiências de infância continuavam a voltar para me assombrar. Começaram as festas de aniversário, que se tornaram um problema, pois os meus filhos perguntavam-me porque é que não tinham avós como todos os seus amigos.

Quando Alex tinha seis anos, pelo *Halloween*, um rapaz muito popular e os seus amigos apareceram para pregar partidas ao meu filho. Essas partidas lembraram-me os tempos em que a juventude nazi nos assediava em Portz, tempos em que estava indefesa e nada podia fazer para me defender. Mas dessa vez vivia num grande país onde não tinha de tolerar aquilo! Por isso fui lá fora e enxotei os miúdos. Por causa disso, tornei-me muito «popular» entre os miúdos no *Halloween*. Todos os anos, o assédio começava no dia 1 de outubro: pintavam suásticas na nossa casa e punham cruzes brancas no quintal — era horrível.

Alex chegava da escola a chorar.

— Mãe, tenho muita vergonha de ti! — dizia. — Todos os miúdos dizem que és maluca! Porque é que não podes ser como todas as outras mães?

Disse ao meu filho que não era maluca, mas que também não era como as outras mães. Pensei que, se pudesse contar a história do que me acontecera quando era criança, os miúdos entenderiam e deixar-me-iam viver em paz na minha casa. Mas, enquanto vítima de tais atrocidades, não sabia como conseguir isso.

Fui assediada durante 11 anos, até 1978, altura em que a NBC emitiu o programa *Holocausto*. De repente, todos entendiam o porquê de eu ser diferente. Os mesmos miúdos que me tinham provocado no *Halloween* ligaram-me ou escreveram-me a pedir desculpa. Comecei a dar palestras em 1978, e as pessoas pediam-me sempre pormenores sobre as experiências. Nunca soube todos os pormenores sobre Auschwitz, mas pensei que haveria muita informação disponível sobre os campos e sobre o Dr. Mengele. Infelizmente, não consegui encontrar informações em nenhum livro. Lembrei-me de que o filme da libertação mostrava cerca de 200 crianças a sair do campo. Se conseguisse contactar essas crianças, agora adultos, podíamos partilhar as nossas memórias e reconstruir o que nos havia sido feito. Mas não sabia onde os encontrar.

Levei seis anos a ter a ideia de formar uma organização que nos ajudasse a localizar os gémeos de Mengele. Em 1984, eu e a Miriam fundámos o CANDLES, acrónimo de *Children of Auschwitz Nazi Deadly Lab Experiments Survivors*. Localizámos 122 sobreviventes a viver em dez países e em quatro continentes. Enquanto grupo de apoio, o CANDLES ajudou muitos gémeos a lidar com alguns dos problemas especiais que todos tínhamos enquanto sobreviventes das experiências de Mengele.

Com o passar do tempo, Miriam foi tendo cada vez mais problemas renais. Sabíamos que tinha algo que ver com as injeções que lhe haviam sido dadas em Auschwitz, mas jamais descobrimos o que impedira os seus rins de crescer para lá do tamanho dos de

uma criança de dez anos. Em 1987, os rins de Miriam falharam. Doe-i-lhe o meu rim esquerdo, o que a ajudou a viver até ao dia 6 de junho de 1993. Nunca descobrimos o que lhe foi injetado, nem a qualquer um de nós. Continuo à procura e espero descobrir essa informação.

A morte de Miriam foi devastadora para mim. Soube que tinha de fazer algo positivo em sua memória. Por isso, em 1995, abri o CANDLES Holocaust Museum and Education Center, em Terre Haute, no Indiana. Mais de 50 mil pessoas, jovens na sua maioria, visitaram o museu desde que abriu portas.

Em 1993, viajei até à Alemanha e encontrei-me com o Dr. Münch, um médico nazi de Auschwitz. De forma surpreendente, foi muito bondoso comigo. Ainda mais surpreendentemente, descobri que gostava dele. Perguntei-lhe se sabia alguma coisa sobre as câmaras de gás de Auschwitz. Respondeu-me que o que sabia tinha vindo a alimentar os pesadelos com que todos os dias convivia. Passou a descrevê-las, dizendo:

— Diziam às pessoas que iam tomar duche e que se lembrassem do número do cabide com as suas roupas e de amarrar os sapatos. Quando a câmara de gás estava completamente cheia, as portas eram fechadas e hermeticamente seladas. Abria-se um orifício de ventilação no teto, deitando grânulos semelhantes a gravilha para o chão. De alguma forma, os grânulos atuavam como gelo seco e transformavam-se em gás. O gás começava a erguer-se do chão. As pessoas tentavam escapar ao gás ascendente, subindo para cima umas das outras. Os mais fortes acabavam no topo de um monte de corpos entrelaçados. Era quando as pessoas no topo da pilha paravam de se mexer que eu sabia, tendo assistido a tudo através de uma vigia, que estavam todos mortos.

O Dr. Münch assinava as certidões de óbito em massa; não tinham nomes, só a informação de que havia dois ou três mil mortos.

Disse ao Dr. Münch que essa informação era muito importante, pois não sabia que era assim que as câmaras de gás funcionavam.

Perguntei-lhe se iria comigo a Auschwitz em 1995, altura em que celebraríamos o 50.º aniversário da nossa libertação do campo. Pedi-lhe também que assinasse um depoimento sobre o que vira, dissera e fizera, e que o fizesse no local de todas essas mortes. Ele respondeu que teria todo o gosto.

Regressei, pois, da Alemanha, e estava contentíssima por estar prestes a receber um documento original, atestado e assinado por um nazi — um participante, não um sobrevivente nem um libertador —, para acrescentar à coleção histórica de informação que estávamos a preservar para nós e para as gerações futuras. Sentia-me tão grata por o Dr. Münch estar disposto a ir comigo a Auschwitz e a assinar esse documento sobre o funcionamento das câmaras de gás que quis agradecer-lhe. Mas o que se oferece a um médico nazi? Como se pode agradecer a um médico nazi?

Durante dez meses, refleti sobre esta questão. Veio-me à cabeça todo o tipo de ideias, até que finalmente pensei: «Que tal uma simples carta de perdão de mim para ele? Perdoá-lo por tudo aquilo que fez?» Soube imediatamente que ele gostaria disso, mas o que descobri uma vez tomada a decisão foi que o perdão não é tanto para o perpetrador como para a vítima. Eu tinha o poder de perdoar. Ninguém podia dar-me esse poder e ninguém mo podia tirar. Isso fez-me sentir poderosa. Fez-me sentir bem ter algum poder sobre a minha vida enquanto sobrevivente.

Comecei a escrever a minha carta e cheguei a várias versões, trabalhando através de muita dor. Preocupada com a minha ortografia, liguei à minha antiga professora de inglês para que me corrigisse a carta. Encontrámo-nos algumas vezes e ela pediu-me que pensasse em perdoar também o Dr. Mengele.

De início, fiquei chocada, mas mais tarde prometi-lhe que o faria, pois percebi que tinha o poder de perdoar até o Anjo da Morte. «Uau!», pensei. «Faz-me sentir bem ser capaz de o fazer. Tenho esse poder e não estou a magoar ninguém com isso.»

Chegámos a Auschwitz no dia 27 de janeiro de 1995. O Dr. Münch foi com o filho, a filha e a neta, e eu levei o meu filho, Alex

Kor, e a minha filha, Rina. O Dr. Münch assinou o seu documento. Depois, li a minha própria declaração pessoal de perdão e assinei-a.

Senti imediatamente que uma carga de dor me saíra dos ombros, uma dor com que vivera durante 50 anos: já não era uma vítima de Auschwitz, uma vítima do meu trágico passado. Estava livre. Aproveitei também esse momento para perdoar os meus pais, que odiara a vida inteira por não nos terem protegido de Auschwitz, por não nos terem salvo de crescer como órfãos. Entendia finalmente que eles tinham feito o melhor que podiam. Perdoei-me também a mim mesma por odiar os meus pais em primeiro lugar.

A raiva e o ódio são sementes das quais germina a guerra. O perdão é uma semente da paz. É o derradeiro ato de autorregeneração.

Vejo o perdão como o cume de uma montanha muito alta. Um lado é escuro, sombrio, húmido e muito difícil de escalar. Mas aqueles que se esforçam e chegam ao topo podem ver a beleza do outro lado da montanha, que está coberto de flores, de pombas brancas, de borboletas e da luz do Sol. Lá do cume, podemos ver ambos os lados da montanha. Quantas pessoas escolheriam voltar a descer pelo lado sombrio em vez de passear pelo lado soalheiro e coberto de flores?

Fiz mais de três mil discursos por todo o mundo, escrevi dois livros e contribuí com três capítulos para três outros livros. Espero ensinar aos jovens as lições de vida que aprendi através de toda a minha dor e de tudo aquilo por que passei e a que sobrevivi:

Nunca desistam de vocês nem dos vossos sonhos, pois tudo de bom é possível na vida.

Julguem as pessoas pelos seus atos e pelo seu caráter.

Perdoem os vossos piores inimigos e perdoem todos aqueles que vos magoaram — isso curará a vossa alma e libertar-vos-á.

Quando olho para os meus anos de adolescente, nunca teria acreditado que alguém quisesse ouvir-me ou que eu tivesse algo de importante a dizer. Por isso, digo a todos aqueles que leem este

livro que se lembrem: nunca, nunca desistam. Podem sobreviver e tornar os vossos sonhos realidade.

E gostaria de terminar com uma citação da minha *Declaração de Amnistia*, lida no 50.º aniversário da libertação de Auschwitz:

«Espero, de uma pequena forma, enviar ao mundo uma mensagem de perdão; uma mensagem de paz, uma mensagem de esperança, uma mensagem de cura.

Que não haja mais guerras, mais experiências sem consentimento informado, mais câmaras de gás, mais bombas, mais ódio, mais mortes, mais Auschwitz.»

NOTA

Este livro nasceu dos esforços de muitas pessoas. Acima de tudo, *As Gêmeas de Auschwitz* baseia-se nas memórias de uma pessoa. Eva Mozes Kor é testemunha de uma multiplicidade de crimes contra a Humanidade. Através das suas palestras em escolas e no museu do Holocausto que fundou, Eva sempre soube que era importante que os jovens aprendessem a sua história. Quando Peggy Tierney a abordou no sentido de publicar um livro para jovens adultos, concordou imediatamente. O maior sonho de Eva é que o seu livro seja utilizado nas escolas para ensinar aos jovens o Holocausto e que os inspire a usar essas lições nas suas próprias vidas.

Katie McKy fez uma extensa entrevista a Eva, fazendo muitas perguntas pertinentes e com que Eva se abrisse e expressasse de formas com as quais os jovens se pudessem identificar.

Susan Goldman Rubin escreveu um esboço extenso e detalhado, encontrando-se pessoalmente com Eva e acrescentando uma muito valiosa e perspicaz pesquisa ao material de base. Sem Susan, a escrita deste livro não teria sido possível no curto espaço de tempo atribuído.

Peggy Tierney, a nossa editora na Tanglewood Books, serviu a Eva de chefe de claque durante anos, tendo pelo meio vários escritores e incontáveis esboços. Sabia que Eva tinha uma história importante para contar e acreditou que precisava de ser contada. Quero agradecer a Peggy por acreditar na minha capacidade de pegar neste material e escrever este livro de uma forma que adere à verdade tal como Eva a recorda e que dá também vida à sua história de modo que os jovens leitores possam revivê-la na segurança destas páginas. Posso apenas esperar que esses leitores olhem para este livro como um testemunho digno de todos os nossos esforços.

Foi um privilégio trabalhar neste importante projeto, ajudando a transmitir a história de Eva Mozes Kor a uma nova geração de leitores. Não há muitos filhos do Holocausto nem, muito menos, gêmeos de Mengele que tenham vivido para contar as suas histórias. Eva fê-lo. E esta história é contada na sua voz, na primeira pessoa, enquanto adulta, recuando 65 anos, até um tempo em que uma rapariguinha, agarrada à mão trémula da sua gêmea idêntica, entrou pelos portões do horror — e sobreviveu.

Lisa Rojany Buccieri
Abril de 2009

AS AUTORAS

EVA MOZES KOR
(1934-2019)

Fundou em 1985 uma organização para os gémeos de Mengele que sobreviveram e ajudou a pressionar os governos na busca por Josef Mengele. Em 1995, abriu um pequeno museu do Holocausto em Terre Haute, no Indiana (EUA), que cresceu e se transformou no CANDLES Holocaust Museum and Education Center, onde fez apresentações e visitas guiadas, principalmente a crianças em idade escolar, até ao fim da sua vida. Foi uma oradora de prestígio nacional e internacional sobre temas relacionados com o Holocausto, ética médica, perdão e paz. Apareceu em inúmeros meios de comunicação, incluindo os programas *60 Minutes* e *20/20*, e foi a protagonista de um documentário, *Forgiving Dr. Mengele*. No dia 4 de julho de 2019, Eva morreu enquanto estava na Polónia, numa viagem educacional a Auschwitz. Fazia anualmente esta visita como forma de partilhar a sua experiência de infância, assim como olhar para o local numa perspetiva de sobrevivente. Tinha 85 anos. Saiba mais em www.candlesholocaustmuseum.org

LISA ROJANY BUCCIERI

Escreveu mais de uma centena de livros para crianças, incluindo vários títulos premiados e *bestsellers*. É também uma editora com mais de 20 anos de experiência no ramo e a principal autora de *Writing Children's Books for Dummies*. Além de encabeçar quatro *startups* no ramo da edição, Lisa gere simultaneamente o seu próprio negó-

cio, o Editorial Services of LA. Foi diretora editorial da Golden Books, da Price Stern Sloan/Penguin Group USA, da Intervisual Books e da Gateway Learning Corp (Hooked on Phonics). Lisa vive com a família em Los Angeles. Pode ser contactada através do *site*

www.editorialservicesofla.com

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

1. Mapa de Yad Vashem, Centro Mundial para a Memória do Holocausto.
2. Detalhe do mapa anterior, com a adição de uma linha entre o gueto de Șimleu Silvaniei e Auschwitz.
3. Da coleção privada de Eva Kor.
4. Da coleção privada de Eva Kor.
5. Da coleção privada de Eva Kor.
6. Da coleção privada de Eva Kor.
7. Da coleção privada de Eva Kor.
8. Cortesia do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.
9. Cortesia do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.
10. Cortesia do Museu Estadual Auschwitz-Birkenau, em Oświęcim, Polónia.
11. Cortesia do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.
12. Cortesia de Yad Vashem, Centro Mundial para a Memória do Holocausto. Fotógrafo: Wilhelm Brasse. Barra negra horizontal acrescentada.
13. Cortesia do Museu Estadual Auschwitz-Birkenau, em Oświęcim, Polónia.
14. Imagem retirada de um documento original nos arquivos do Museu Estadual Auschwitz-Birkenau, da coleção privada de Eva Kor.
15. Imagem de documento da coleção privada de Eva Kor.
16. Cortesia do Museu Estadual Auschwitz-Birkenau, em Oświęcim, Polónia.
17. Da coleção privada de Eva Kor.
18. Cortesia do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.
19. Da coleção privada de Eva Kor.
20. Da coleção privada de Eva Kor.
21. Da coleção privada de Eva Kor.
22. Da coleção privada de Eva Kor.
23. Da coleção privada de Eva Kor.

As ideias ou opiniões expressas neste livro, e o contexto em que as imagens são utilizadas, não refletem necessariamente as opiniões ou a política, nem implicam o aval ou a aprovação do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.

De mãos dadas, Miriam e eu
atravessámos a aldeia.

Usávamos os nossos vestidos
a condizer, feitos a partir
de uma túnica caqui soviética,
e eu ainda tinha os sapatos
do campo, com o dobro do
tamanho dos meus pés.

Sempre que dava um passo,
a ponta do sapato pousava
primeiro. As pessoas saíam
de suas casas e sussurravam
umas com as outras.

Ninguém falava connosco
diretamente. Limitavam-se
a olhar para nós enquanto
descíamos a rua.

Tive a sensação de que os aldeãos
sabiam quem éramos.

Quando nos aproximámos
da nossa casa, o meu coração
batia com tanta força que podia

ouvi-lo a palpitar. Mal podia esperar para chegar ao portão. Finalmente – estaríamos de novo em casa! As minhas memórias de casa eram de coisas boas e de bons momentos: camas quentes e roupas que nos serviam, uma mãe que cozinhava para nós, um pai que nos sustentava. A minha família. Mas nada disso restava. Nada a não ser a terra por lavrar e as paredes nuas de uma casa vazia. Parecia tudo esquecido. Abandonado. Percebi imediatamente que o pai e a mãe não tinham regressado. Jamais teriam deixado as ervas daninhas crescer tão alto. Jamais teriam deixado a casa degradar-se. Foi nesse momento que Miriam e eu soubemos que éramos tudo o que restava da família Mozes.